



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISABELA LORENA DA SILVA SANTOS

**DO PARADOXO À RESISTÊNCIA: A CONTRADIÇÃO SUL-COREANA COMO
ELEMENTO MOTRIZ DO MOVIMENTO 4B**

São Cristóvão/ SE

2025

ISABELA LORENA DA SILVA SANTOS

**DO PARADOXO À RESISTÊNCIA: A CONTRADIÇÃO SUL-COREANA COMO
ELEMENTO MOTRIZ DO MOVIMENTO 4B**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Departamento de Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Sergipe (UFS) como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Lucas Miranda Pinheiro

São Cristóvão/ SE

2025

Dedico este trabalho a todos que
de alguma forma me fizeram
chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar esta parte do meu trabalho agradecendo aos meus pais; obrigada por me proporcionarem o possível e o impossível, por confiarem na minha escolha de curso mesmo sem saber do que se tratava e, talvez, ainda hoje, continuam sem saber exatamente o que é, mas confiam mesmo assim. Pai, obrigada por nunca ter deixado faltar nada, por ter abdicado do seu presente para que eu pudesse ter um futuro. Mãe, obrigada por todas as vezes em que acordou mais cedo do que eu para adiantar as coisas para mim, permitindo-me minutos a mais de sono para que eu pudesse ser mais produtiva; por ter segurado o lado mais pesado para que ficasse mais leve para mim; isso realmente fez a diferença. Espero poder retribuir tudo a vocês.

Agradeço também ao Victor por sempre me incentivar a ser mais, por acreditar que eu podia ir além e por ter feito isso acontecer. Obrigada por todo o apoio durante todos esses anos, por ter me acompanhado nesta aventura e por ter confiado que, de alguma forma, tudo daria certo no final; você foi um ótimo copiloto. Foi um prazer crescer contigo; espero continuar envelhecendo ao seu lado. À minha vovó Bela, por ter me amado com ou sem diploma, apenas por quem eu era. Sei que, se ainda estivesse aqui, ficaria muito orgulhosa de mim — não por eu estar me formando, e sim por eu estar feliz — e, para ela, isso era o suficiente.

Sou grata ao meu orientador, Lucas, por ter apresentado um lado das Relações Internacionais além do esperado, por não desacreditar do meu tema e por me incentivar a continuar trabalhando com o que eu gosto. Por fim, quero agradecer a mim mesma por não ter desistido, por confiar no processo e, principalmente, por ter respeitado meu próprio tempo — nos dias em que fiz um pouco a cada dia e naqueles em que fiz quase tudo de uma vez. Sei que fiz o meu melhor e estou feliz com meu trabalho, e isso é o suficiente.

RESUMO

Este trabalho analisa o Movimento 4B como uma consequência radical do "Paradoxo Coreano", no qual o notável desenvolvimento econômico e educacional da Coreia do Sul coexiste com a perpetuação de profundas desigualdades de gênero. A pesquisa demonstra como o Estado e a sociedade sul-coreana, embora incentivem a qualificação feminina, perpetuam um sistema patriarcal que nega oportunidades iguais no mercado de trabalho, sobrecarrega as mulheres com as demandas domésticas e as submete a uma cultura de violência sistêmica. Este cenário leva a uma desilusão profunda, culminando na mais baixa taxa de natalidade do mundo. Nesse contexto, o Movimento 4B surge como uma resposta de resistência biopolítica, rejeitando as quatro instituições que sustentam a estrutura opressora: casamento (Bihon), maternidade (Bichulsan), relacionamentos heterossexuais (Biyeonae) e relações sexuais com homens (Bisekseu). Ao se retirarem estrategicamente deste arranjo estrutural, as adeptas do 4B não apenas buscam a autopreservação, mas expõem a crise demográfica como resultado do processo de desenvolvimento coreano, e não como uma falha feminina. O trabalho conclui que o 4B é a manifestação explícita da fratura de gênero na Coreia do Sul, transformando o corpo feminino de um instrumento de manutenção governamental em um campo de batalha pela libertação. A metodologia aplicada neste trabalho consiste na qualitativa com uma abordagem de estudo de caso, utilizando fontes primárias como declarações oficiais governamentais, dados de organizações como da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e manifestos de grupos feministas, já as fontes secundárias compreendem reportagens nacionais da Coreia do Sul e internacionais, além de artigos acadêmicos.

Palavras-chave: Movimento 4B; Paradoxo Coreano; Feminismo; Desigualdade de Gênero; Coreia do Sul.

ABSTRACT

This paper analyzes the 4B Movement as a radical consequence of the "Korean Paradox," in which South Korea's remarkable economic and educational development coexists with the perpetuation of profound gender inequalities. The research demonstrates how the South Korean state and society, while encouraging women's qualifications, perpetuate a patriarchal system that denies equal opportunities in the labor market, burdens women with domestic demands, and subjects them to a culture of systemic violence. This scenario leads to profound disillusionment, culminating in the lowest birth rate in the world. In this context, the 4B Movement emerges as a biopolitical resistance response, rejecting the four institutions that sustain this oppressive structure: marriage (Bihon), motherhood (Bichulsan), heterosexual relationships (Biyeonae), and sexual relations with men (Bisekseu). By strategically withdrawing from this structural arrangement, 4B adherents not only seek self-preservation but also expose the demographic crisis as a result of the Korean development process, not a female failing. The paper concludes that 4B is an explicit manifestation of the gender divide in South Korea, transforming the female body from an instrument of government maintenance into a battlefield for liberation. The methodology applied in this paper is qualitative with a case study approach, using primary sources such as official government statements, data from organizations such as the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD), and manifestos from feminist groups. Secondary sources include domestic and international South Korean news reports, as well as academic articles.

Keywords: 4B Movement; Korean Paradox; Feminism; Gender Inequality; South Korea.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nível de escolaridade das jovens na faixa etária dos 25 aos 34 anos baseado nos dados da OCDE.....	16
Figura 2 - Ranking de disparidade salarial entre gêneros em 2020.....	17
Figura 3 - Ranking de disparidade salarial entre gêneros em 2023.....	18
Figura 4 - Relação entre a taxa de natalidade e o PIB de países de alta renda, excluindo a Coreia do Sul.....	20
Figura 5 - Relação entre a participação masculina nas demandas domésticas e a taxa de natalidade.....	21
Figura 6 - Estimativa do número de meninas abortadas na Coreia do Sul (1981–2023).....	23
Figura 7 - Manifestação de antifeministas na Coreia do Sul cujo slogan é "페미니즘 규탄한다" (Condenamos o feminismo) e "남성혐오 중단하라" (Parem a misandria).....	24
Figura 8 - Protesto em solidariedade à vítima morta no metrô em 2022.....	27
Figura 9 - Protesto contra as câmeras espiãs em 2018.....	28
Figura 10 - Site exibindo o mapa de natalidade por região, utilizando variedade de tom para destacar locais com mais ou menos mulheres em idade fértil.....	31
Figura 11 - Interface na versão móvel destacando dados femininos como taxa de fertilidade, casamentos e nascimentos.....	32
Figura 12 - Protestantes fantasiadas fazendo alusão a reprodução em massa.....	33
Figura 13 - Cartaz fazendo alusão aos incentivos governamentais e a recusa feminina à maternidade.....	34
Figura 14 - Interesse de busca pelo Movimento 4B nos EUA entre os meses de novembro de 2023 e 2024.....	38
Figura 15 - Trecho do vídeo do discurso de Donald Trump no evento da Turning Point USA, "The Believers Summit".....	40
Figura 16 - Recorte da reportagem da JTBC sobre a percepção de Yoon Suk-yeol acerca das questões de gênero na Coreia do Sul.....	41

Figura 17 - Ativistas sul-coreanas no Centro de Imprensa em apoio às vítimas de violência sexual em 2018..... 42

Figura 18 - Publicação de Ahn Hee-jung em sua conta no Facebook renunciando seu cargo de governador após pedir desculpas a sua ex-assistente Kim Ji-eun..... 43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O PARADOXO SUL-COREANO: DESENVOLVIMENTO NACIONAL E OPRESSÃO DE GÊNERO.....	13
2.1 Passado confucionista como base do ordenamento social.....	13
2.2 Padrão trabalhista de reprodução de violências e sua relação com a natalidade.....	16
2.3 Reboot do feminismo.....	25
3. O MOVIMENTO 4B.....	37
3.1 Expansão do Movimento 4B para além das fronteiras sul-coreanas: Avanço ou retrocesso?	38
3.2 Entre a proteção e a exclusão: O dilema do 4B.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1. INTRODUÇÃO

O notável desenvolvimento que posicionou a Coreia do Sul como uma potência global mascara um profundo paradoxo social, no qual o progresso econômico coexiste com a perpetuação de arcaicas estruturas de gênero. Segundo Cynthia Webber (2016), o pensamento feminista altera a forma como poder, soberania e segurança são compreendidos, e a realidade sul-coreana exemplifica essa tese de maneira contundente. A hierarquização de gênero na construção normativa do país produziu uma naturalização da razão a partir da masculinidade, marginalizando o feminino ao associá-lo à emoção e à domesticidade. É nesse contexto que o Estado, conforme a teoria da biopolítica de Foucault (1976), exerce controle sobre a vida, a saúde e, crucialmente, a taxa de natalidade, transformando os corpos das mulheres em instrumentos para a manutenção e segurança nacional a fim de garantir o futuro da nação. Nessa perspectiva, a biopolítica traduz a passagem do poder soberano, que decidia sobre a morte, para um poder que gere a vida, convertendo a população em objeto de cálculo e gestão. O corpo feminino, sob esta ótica, não é visto como sujeito autônomo, mas como corpo-população, regulado em nome da sobrevivência e da segurança do governo.

Este cenário de opressão estrutural, onde o desenvolvimento feminino é condicionado aos interesses da nação (Monte, 2013; Grant, 2020), culminou na mais baixa taxa de natalidade do mundo, cerca de 0,72 filhos por mulher em comparação com a média de 1,56 segundo a OCDE em 2023. A crise demográfica, longe de ser um problema isolado, é o sintoma mais agudo do Paradoxo Coreano: um sistema que, por um lado, incentiva a qualificação feminina a níveis de excelência, mas, por outro, o mercado de trabalho, estruturado em bases patriarcais, as penaliza, especialmente após o casamento e a maternidade. As mulheres são, portanto, colocadas em uma posição insustentável: são responsabilizadas por garantir a continuidade da nação, mas sistematicamente oprimidas por ela.

É como resposta direta a essa contradição que emerge o objeto de estudo deste trabalho: o Movimento 4B. Com seus quatro princípios de recusa ao casamento (Bihon), à maternidade (Bichulsan), aos relacionamentos (Biyeonae) e às relações sexuais com homens (Bisekseu), o movimento representa um ato de resistência biopolítica sem precedentes. Ele desafia frontalmente a estrutura sul-coreana conservadora em não reconhecer os problemas de gênero e por atribuírem a responsabilidade da crise nacional as mulheres, por priorizarem o “progresso pessoal egoísta” em uma ruptura com o padrão normativo social que garante a

continuidade da nação a partir da utilização do corpo feminino como ferramenta de manutenção estatal. As feministas do 4B, sob este viés, afirmam que a recusa ao casamento e à maternidade não é a causa, mas sim o resultado de um modelo governamental excludente, que marginaliza as demandas femininas em prol do crescimento econômico, resultando em falhas estruturais como a desigualdade de gênero, a pressão socioeconômica e a violência contra as mulheres, elementos enraizados no ordenamento social do país (Lee; Jeong, 2021). Argumenta-se que, ao se retirarem voluntariamente das instituições que sustentam o patriarcado, as adeptas do 4B não apenas buscam a autopreservação, mas também desconstróem a narrativa de culpabilização, revelando as profundas falhas estruturais de uma nação que as oprime enquanto as considera indispensáveis.

Deste modo, o presente trabalho busca analisar como o Movimento 4B se constitui como consequência radical do Paradoxo Coreano, sendo utilizado, para isso, uma metodologia de pesquisa qualitativa, com uma abordagem de estudo de caso. Essa escolha se justifica pela necessidade de uma análise aprofundada de um fenômeno social complexo, buscando compreender as motivações a partir das ideologias e do contexto situacional do país que levaram ao surgimento e à expansão do Movimento 4B. A análise se baseia em uma gama de fontes de pesquisa, incluindo fontes primárias, como publicações e manifestos de grupos feministas e dados de organizações como a OCDE, e fontes secundárias, como artigos acadêmicos, reportagens da mídia nacional e internacional (BBC News, The Guardian, etc.), e livros de especialistas em estudos de gênero e sociologia coreana. Ademais, a jornada do paradoxo à resistência é, portanto, o fio condutor para compreender por que a negação se tornou a mais potente afirmação de autonomia feminina na Coreia do Sul contemporânea. Para compreender a profundidade da resposta do Movimento 4B, é imperativo primeiro dissecar as complexas camadas do paradoxo que o originou: um mergulho na história, na cultura e nas contradições do desenvolvimento sul-coreano.

2. O PARADOXO SUL-COREANO: DESENVOLVIMENTO NACIONAL E OPRRESSÃO DE GÊNERO

O desenvolvimento feminino na Coreia do Sul está diretamente relacionado às variações políticas, econômicas e sociais no país, apresentando períodos de recessão e outros de incentivo a depender das necessidades e dos interesses nacionais. Entretanto, há uma predeterminação sobre a vida feminina que se mantém mesmo com o passar dos séculos, que consiste na responsabilização do gênero feminino em garantir a continuidade nacional através da procriação. Este papel inicia antes mesmo do nascimento e prolonga por gerações, reduzindo as oportunidades de crescimento feminino em virtude da utilização dos seus corpos, especificamente da capacidade reprodutiva, como instrumento de manutenção estatal imposta pelo governo e fomentada pela sociedade (Lee; Jeong, 2021). Isto ocorre, pois, ideais da filosofia confucionista foram utilizados como ordenadores socioeconômicos no início do século XV no país e, mesmo não sendo mais a filosofia oficial, suas normativas ainda influenciam a cultura e as relações sociais.

2.1 Passado confucionista como base do ordenamento social

O Confucionismo está presente na Coreia desde o século IV, no entanto, neste primeiro momento, esta filosofia funcionava de forma complementar ao ordenamento budista e xamânico, sendo implementado apenas em meados do século XV quando seus ideais passam a ser implementados de forma sistemática no ordenamento socioeconômico do país, influenciando vários setores desde a política até o âmbito familiar. O enrijecimento causado na hierarquia social é resultado da implementação dos ideais confucionistas, uma vez que se baseia nos interesses da classe dominante e utiliza elementos predominantemente deste grupo para definir os padrões a serem almejados por toda a sociedade. A obtenção da honra a partir dos estudos e do trabalho é um exemplo dos ideais desta filosofia, em que apenas os indivíduos mais capacitados poderiam ocupar posições sociais elevadas e assim, direcionar as normativas políticas, econômicas e sociais do país (Honda, 2022). A divisão de gênero, por sua vez, estava presente na atribuição das atividades, em que as mulheres eram responsáveis principalmente pelo âmbito residencial em decorrência da criação dos filhos, enquanto os homens eram designados para o trabalho externo, o que lhes proporcionava uma certa flexibilização e, conseqüentemente, mais liberdade. Todavia, este último grupo utilizou deste arranjo como oportunidade para dar continuidade no padrão de divisão de atividades por

gênero, limitando a participação feminina e a reduzindo ao âmbito familiar de cuidado com os filhos e com o marido, impondo na mulher as “três obediências” que consistem na obediência ao pai, após o casamento ao marido e com a procriação a obediência aos filhos (Yoo, 2008). Alguns estudiosos, por sua vez, não compreendem o Confucionismo como o principal fomentador da dominação masculina, tendo, por exemplo, a feminista Eunkang Koh (2008) que argumenta que a responsabilidade pela valorização do gênero masculino em detrimento do feminino não aconteceu estritamente pelas escrituras confucionistas, e sim, por aqueles que manipularam a compreensão dos ideais desta filosofia para vantagem e dominação de um gênero sobre o outro.

Uma vez que houve essa deturpação, o legado do Confucionismo serviu como fomentador do caráter patriarcal da Coreia do Sul, em que a responsabilização da procriação foi imposta ao papel feminino, sendo atribuído um valor menor em comparação com o papel masculino de obtenção monetária aliada ao desenvolvimento acadêmico e profissional e por isso, era preferido o nascimento de herdeiros homens em comparação de herdeiras mulheres. Além disso, caso as mães gerassem somente filhas ou a mulher não pudesse engravidar, eram consideradas inúteis perante o olhar da sociedade (Koh, 2008). Em 1953 o *hojujae*, sistema de chefia familiar, foi implementado com a possibilidade de registro parental apenas a partir da representação masculina intitulada *hoju*, chefe da família. As mulheres eram submetidas ao registro do homem mais velho, sendo ele o pai, o marido, ou o filho em casos de falecimento paterno e o único caso em que as mulheres podiam se tornar *hoju* era com a morte de todos os membros masculinos consanguíneos. Com relação ao financeiro, os homens seguem um padrão de melhores condições econômicas em razão do direcionamento histórico que responsabilizava o gênero masculino pela obtenção econômica, uma vez que as mulheres eram limitadas ao ambiente doméstico e as poucas que trabalhavam pertenciam aos níveis mais pobres, tidos como “inferiores” da sociedade, não sendo motivo de orgulho nem de honra social. Destarte, uma resistência feminina neste cenário é praticamente impossível, já que a pouca escolaridade e a redução dos recursos financeiros dificultam a capacidade de desafiar a conjuntura interna e reivindicar por mudanças.

Contudo, o desejo em desenvolver a nação coreana resultou em algumas mudanças nas normativas anteriormente implementadas. Durante o governo militar de 1961 a 1987, por exemplo, o crescimento econômico do país flexibilizou a inserção feminina em escolas secundárias e de ensino superior, aumentando a participação das mulheres no mercado de trabalho. Porém, este crescimento não significou um período de igualdade de direitos para as

mulheres e também não foi motivado pela percepção estatal e social do anseio feminino em modificar a situação limitante na qual estavam inseridas e sim pelos interesses e necessidades nacionais. Após a crise financeira asiática em 1997, a Coreia do Sul enfrentou períodos de instabilidades, buscando ajuda ao Fundo Monetário Internacional (FMI) que impôs rígidas condições sobre o processo de pagamento, ocasionando mudanças nos padrões trabalhistas no país como a alteração de leis visando facilitar demissões, tendo as mulheres como alvo principal. Ansiando em reerguer a nação fragilizada, o governo coreano instituiu a área educacional como elemento motriz para a recuperação econômica, ainda sob os ideais confucionistas, apresentando um aumento dos incentivos estatais de 2,5% para 23% no período de 1951 a 1995, impulsionando ainda mais a educação feminina (Masiero, 2000). Obter emprego tornou-se indispensável, uma vez que o Estado direcionava ideologicamente a população em relacionar o trabalho com o processo industrial, desassociando a herança monetária da instituição familiar como determinante para a mobilidade social, agora, portanto, o destaque curricular seria o elemento determinante no status social, intensificando o nível de competitividade no país (Kim; Park, 2003).

Apesar das transformações no cenário nacional proporcionarem um novo capítulo para o desenvolvimento feminino, seu papel de reprodução não foi desvinculado, pelo contrário, há um reforço maior com a justificativa de manter os aspectos culturais intactos para não desbalancear a ideia de “*danil minjok*”, nação unitária e forte (Morgade, 2018). A obtenção de uma excelência acadêmica e profissional pelas mulheres neste cenário não assemelha-se ao dos homens, uma vez que não está delimitada ao indivíduo em si e sim a reprodução de uma norma socialmente construída em que seu sucesso é um meio para um fim: o casamento e a procriação. Sob esta lógica, o destaque curricular proporciona às mulheres alcançarem um bom casamento, ou seja, o matrimônio com alguém de elevado nível social, e assim, gerar filhos que vão dar continuidade nesse processo, aumentando a qualificação nacional (Kim; Bang, 2016). Esses ideais confucionistas, embora antigos, não ficaram no passado, pelo contrário, eles se metamorfoseiam, adaptando-se à modernidade e moldando de maneira implacável o ambiente de trabalho contemporâneo e a questão mais crítica para o governo sul-coreano: a natalidade.

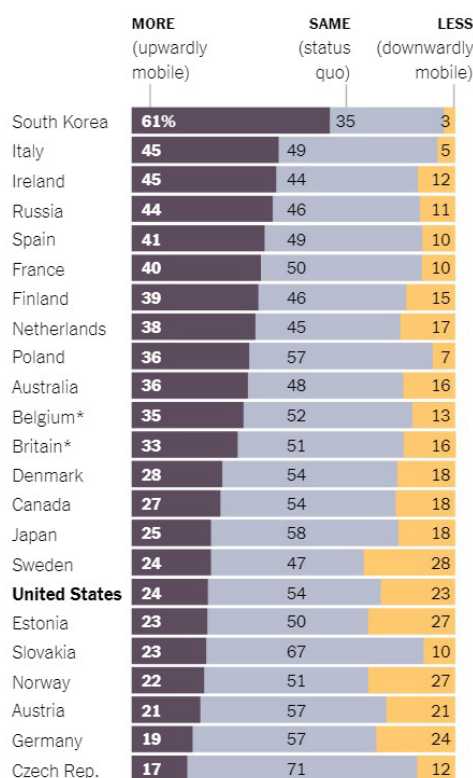
2.2 Padrão trabalhista de reprodução de violências e sua relação com a natalidade

Em 2019, a Coreia do Sul se tornou líder mundial na área de inovação e de tecnologia ao alcançar a posição de 12º das maiores economias globais, tendo sua renda nacional bruta per capita de US\$ 33.720 (Banco Mundial, 2020). Neste mesmo ano, a OCDE apontou a população feminina coreana como sendo a mais qualificada academicamente em relação aos países membros da instituição e em 2020 o país asiático apresentou o maior índice de conclusão universitária entre jovens de 25 a 34 anos, como ilustrado na figura 1, cujas taxas educacionais superam à média da organização no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (OECD, 2020).

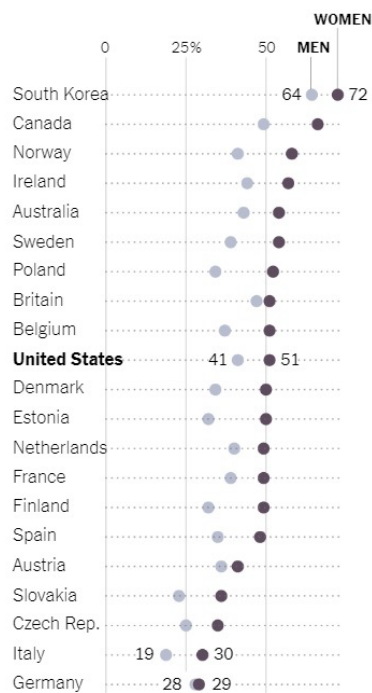
Figura 1 - Nível de escolaridade das jovens na faixa etária dos 25 aos 34 anos baseado nos dados da OCDE

Education attainment in selected countries for 25-34 year old.

Percentage of people who got more, the same or less education than their parents, as of 2012.



Percentage of people who attained education beyond high school, as of 2014.

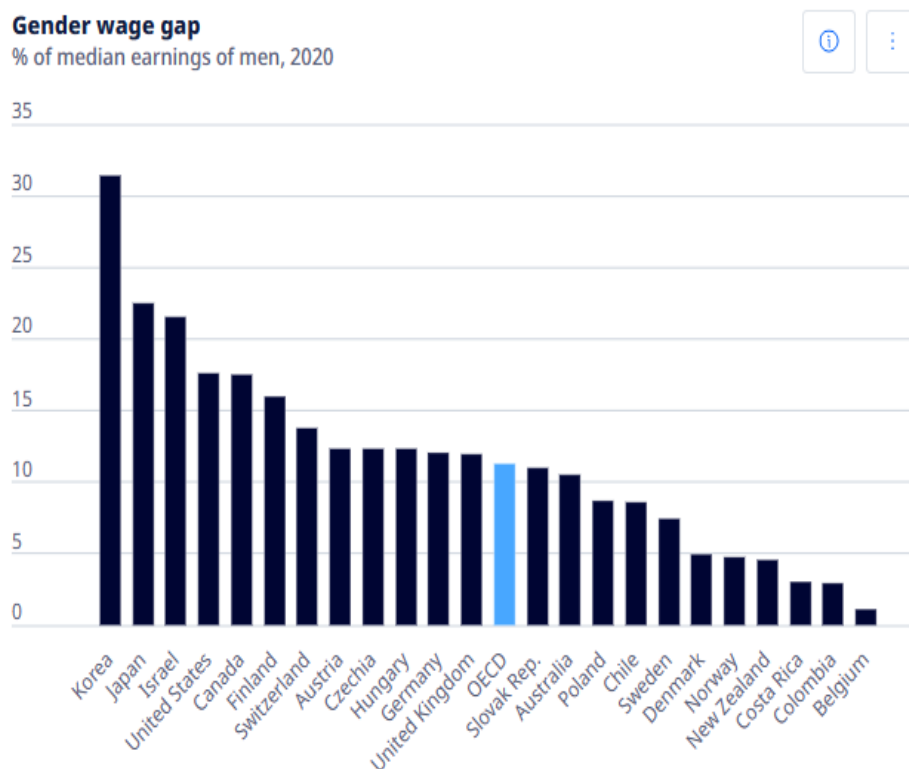


Gender data for Russia and Japan not available.

Fonte: The New York Times (2019)

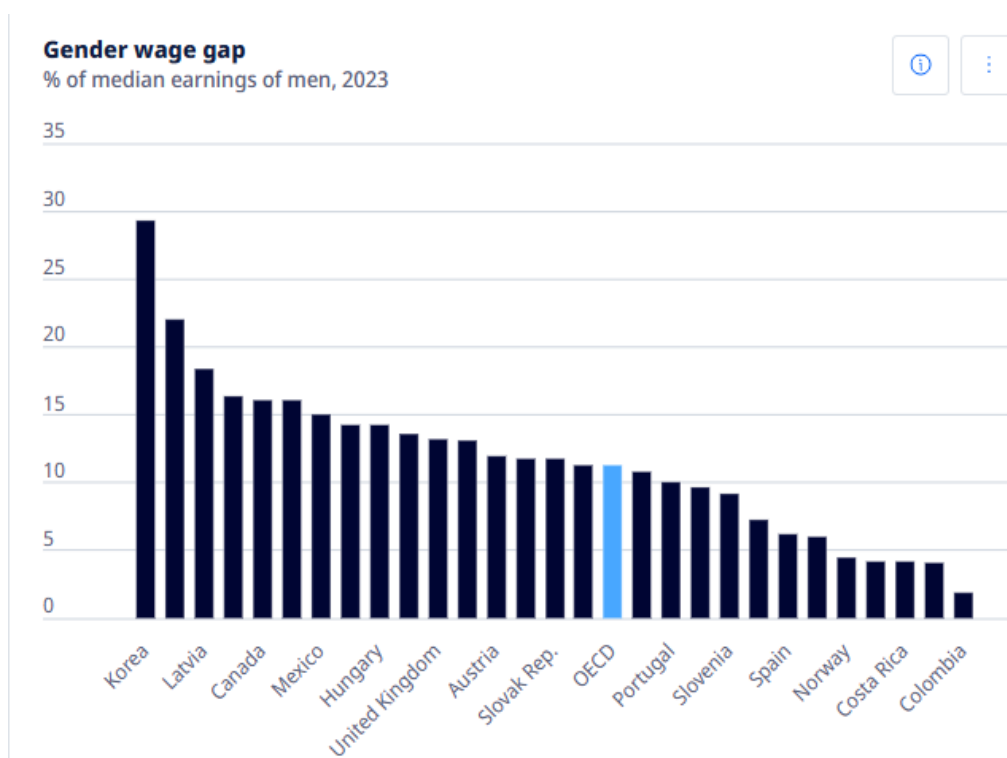
Levantamento realizado pelo Global Gender Gap Report em 2024 sobre a relação entre as oportunidades econômicas e a participação igualitária dos gêneros apontou a Coreia do Sul como o 94º país no ranking, estimando-se uma diferença salarial elevada entre homens e mulheres, em que estas últimas recebem cerca de 678.600 won a cada 1.000.000 won recebido pelos homens (World Economic Forum, 2024). Esta assimetria não é recente, em 2020 a OCDE já havia apresentado o país como detentor da maior taxa de disparidade salarial entre gêneros, três anos depois uma nova apuração foi realizada, no entanto, o país asiático continua ocupando a primeira posição como apresentado nas figuras 2 e 3 OCDE (2025).

Figura 2 - Ranking de disparidade salarial entre gêneros em 2020



Fonte: OCDE (2025)

Figura 3 - Ranking de disparidade salarial entre gêneros em 2023



Fonte: OCDE (2025).

Contudo, a violência econômica expressa nesses gráficos é apenas uma faceta da opressão. Ela se manifesta de forma ainda mais direta e pessoal no cotidiano do ambiente de trabalho, onde a cultura patriarcal cria um terreno fértil para o assédio e a exclusão. A persistência da posição sul-coreana no topo do ranking de disparidade salarial da OCDE, mesmo com os elevados níveis de escolaridade feminina, revela uma contradição fundamental no modelo de desenvolvimento do país. É precisamente neste paradoxo de ser qualificada para o mercado, mas preterida por ele, que o Movimento 4B encontra seu terreno mais fértil para fortalecer seus ideais radicais de resistência ao sistema que educa as mulheres para depois as marginalizá-las. Ademais, esse desencontro entre o nível capacitário e a taxa de desemprego feminino é resultado do padrão coreano em perpetuar normativas tradicionais na modernidade, fomentando disparidades entre os gêneros. Em acordo, Kim e Park (2003) argumentam que a imposição de papéis e expectativas estabelecidas em outro período, mas que tentam ainda assim ser mantidas sob a justificativa de estarem atreladas a cultura acaba gerando um descompasso entre o passado e o presente, dando continuidade na

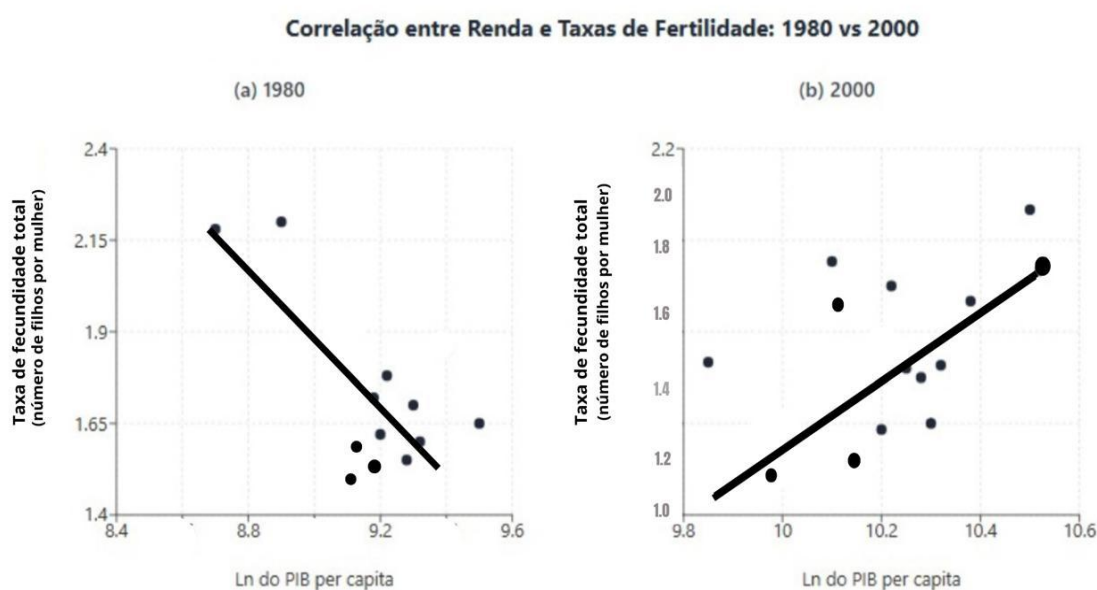
marginalização sobre um determinado tema ou gênero. As condições no ambiente de trabalho baseadas no ideal confucionista de submissão e respeito absoluto aos mais velhos e por pessoas mais experientes é um elemento chave que proporciona na Coreia do Sul a naturalização de abusos, tanto físicos como mentais, principalmente contra as mulheres (Strother, 2019).

No ano de 2015 o governo da Coreia do Sul realizou uma pesquisa que apresentou o local de trabalho como um ambiente de insegurança feminina, de 10 pessoas entrevistadas, 8 relataram episódios de abusos. Eventos corporativos como o *hwaesik*, encontros após o horário de trabalho, faz parte da cultura coreana, em que jantares e bebidas são custeados pela própria empresa com a finalidade de promover a integração dos funcionários, escolhendo muitas vezes locais como *noraebang*, casas de karaokê, após o jantar para dar continuidade a noite (Strother, 2019). Por ser um elemento cultural do país, a recusa de participação de um subordinado é uma atitude mal vista, podendo resultar em represálias no ambiente de trabalho por parte do superior, e por conta disso, os funcionários tendem a comparecer nessas reuniões, porém, muitas mulheres alegam desconforto e insegurança em decorrência de atitudes desrespeitosas por parte dos seus colegas e gestores após o consumo elevado de álcool, outro componente cultural. Em conformidade, a Voice of America English News entrevistou em 2019 uma funcionária pública sobre sua experiência nessas reuniões após o expediente, a mesma afirmou sentir-se desprotegida, argumentando que embora não deseje os avanços dos seus colegas de trabalho, principalmente dos chefes, sentia que não possuía pleno poder para rejeitá-los de forma direta, tendo de suportar as investidas ou procurar meios para contornar a situação sem que fosse uma recusa explícita.

De forma análoga, Lee Jin-ock, presidente do grupo de defesa Solidariedade Política das Mulheres Coreanas, afirma que a cultura empresarial de dar continuidade a padrões hierárquicos de poder fomenta pressões no gênero feminino, mesmo de forma implícita, vulnerabilizando e dificultando as condições de trabalho para as mulheres (Strother, 2019). Essa hostilidade no ambiente profissional não apenas limita as carreiras femininas, ela impõe um cálculo brutal e uma escolha quase impossível quando a questão da maternidade surge, conectando diretamente a opressão no trabalho à crise demográfica que assola o país. Segundo Cho e Han (2024), mudanças que afetam a dinâmica socioeconômica de um país contribuem na variação da taxa de fertilidade do mesmo ao decorrer dos anos. O desenvolvimento de áreas como a educacional pública e de serviços destinados ao cuidado infantil permite que o custo financeiro dos pais com a cerca da demanda educacional dos

filhos diminua sem que a qualidade da educação recaia, proporcionando maior flexibilidade para a renda familiar, uma vez que os progenitores podem destinar a renda que anteriormente iria custear a formação acadêmica dos filhos para outras finalidades.

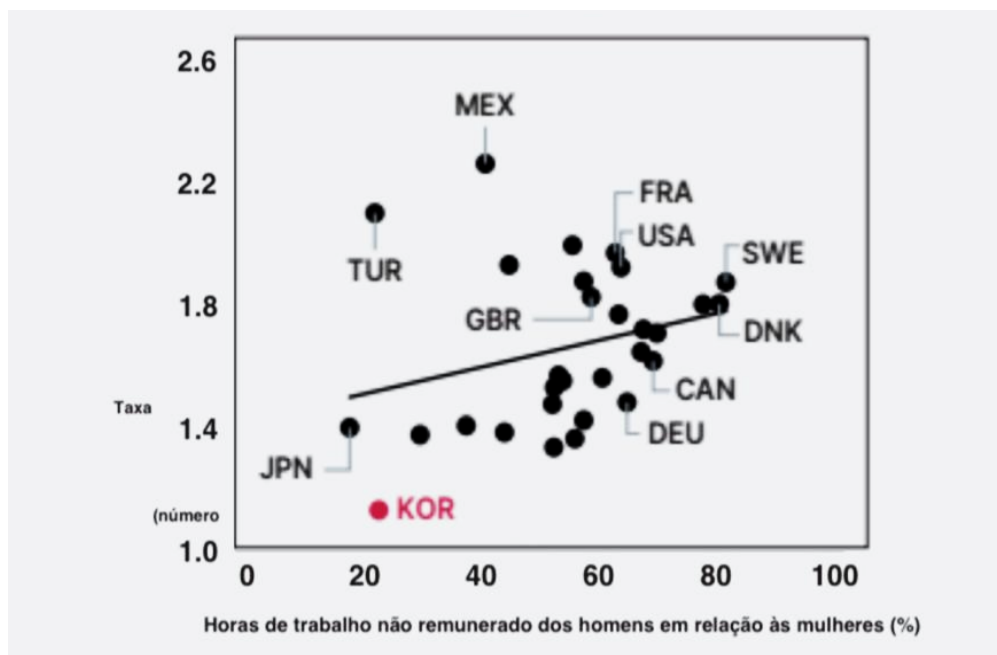
Figura 4 - Relação entre a taxa de natalidade e o PIB de países de alta renda, excluindo a Coreia do Sul.



Fonte: Produzido por Doepke et al. (2022) e adaptado por Cho e Han (2022). Tradução da autora.

Ademais, os autores complementam que a chance de recusa feminina para a maternidade diminui quando a relação entre a disponibilidade e aprimoramento de serviços, como escolas públicas e creches, condições socioeconômicas adequadas, como renda familiar, e principalmente quando a participação conjunta no cuidado do lar e dos filhos estão em equilíbrio (Cho; Han, 2024). Na realidade sul-coreana, a participação masculina nas demandas domésticas é baixa, como apresentado na figura 5, gerando uma assimetria na coparentalidade, ou seja, a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos ocorre de forma desigual, sobrecarregando o lado feminino.

Figura 5 - Relação entre a participação masculina nas demandas domésticas e a taxa de natalidade



Fonte: Cho e Han (2022). Traduzido e adaptado pela autora.

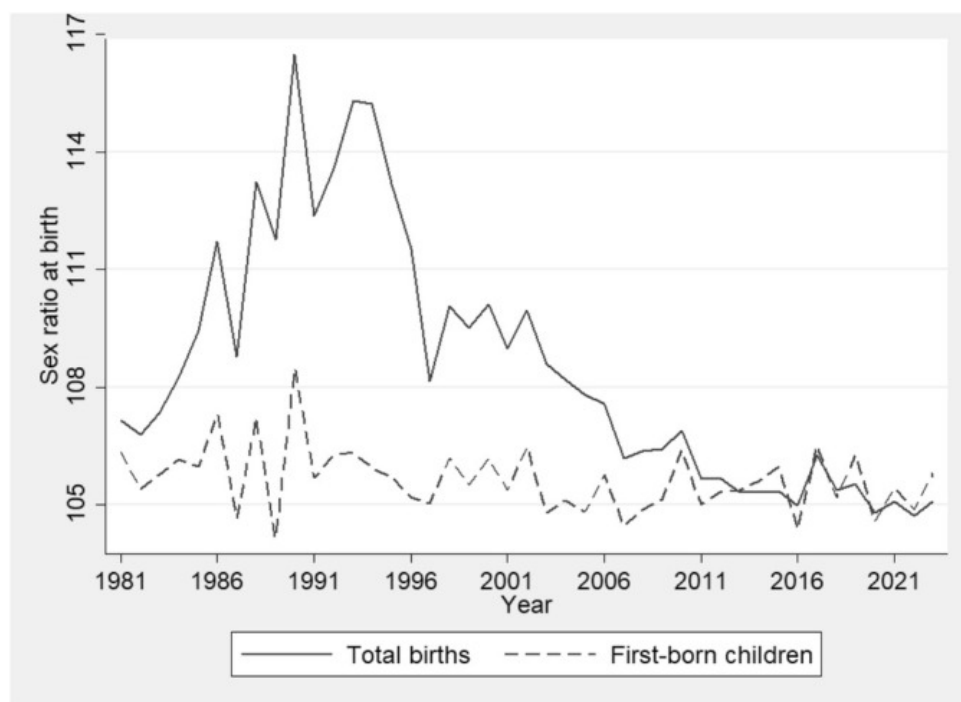
Em conformidade, o elevado custo de vida no país torna necessário que ambos os pais trabalhem para suprir as despesas da casa, contudo, a jornada de trabalho de 50 horas por semana, que anteriormente o Estado tentou ampliar para 69 horas, dificulta a administração efetiva do lar e dos filhos caso ambos os genitores trabalhem fora, causando um impasse. Este dilema faz com que o casamento seja compreendido por muitas mulheres como o início do fim das suas carreiras em virtude das expectativas sociais que limitam as possibilidades de escolha feminina, direcionando-a ao âmbito doméstico, tendo a reprodução como a próxima etapa a ser concluída. Após o nascimento dos filhos, o retorno feminino para seus empregos torna-se praticamente impossível, o rótulo de incapacidade em equilibrar os cuidados envolvendo o trabalho e a família e o afastamento por tanto tempo promove um julgamento sobre essas mães de que elas “ficaram para trás” no conhecimento e na disponibilidade exigida para trabalhar em um país tão competitivo quanto a Coreia, tornando-se inaptas ao olhar social (King, 2023).

Segundo Kim e Hahn (2022), mulheres que optam pela maternidade no país apresentam uma redução de 66% nas finanças pessoais por conta da diminuição de suas

participações no mercado de trabalho. Este fato é resultado das interrupções, como o parto, que demandam a saída feminina temporária, mas que é prolongando durante a fase infantil dos filhos, retornando para o mercado de trabalho após anos de afastamento, dificultando no retorno dessas mães que em sua maioria acabam ocupando trabalhos inferiores ao que executavam antes da maternidade. Portanto, a disparidade de participação entre os gêneros no âmbito familiar aliado a efervescência competitiva do mercado de trabalho, baseado em padrões culturais de propagação e naturalização de violências contra o gênero feminino, tornam a decisão de ter filhos uma escolha economicamente e pessoalmente insustentável para muitas mulheres, fazendo com que as mesmas optem em adiar ou renunciar à maternidade, contribuindo, desta forma, na diminuição da taxa de natalidade (Doepke; Kindermann, 2019).

Em 2025, American Journal of Human Biology divulgou um estudo intitulado como a "Estimativa do número de meninas abortadas na Coreia do Sul" em que o *sex ratio at birth*, proporção sexual ao nascer (SRB), considerada natural situa-se entre 105 a 107 nascimentos de meninos para cada 100 meninas nascidas. Essa média é adotada a partir da observação do padrão de nascimentos onde não há práticas seletivas de gênero, ou seja, quando apenas a variabilidade biológica natural rege o fluxo de natalidade (Cho, 2025). Neste contexto, a análise e comparação da quantidade de crianças nascidas durante os anos de 1981 a 2023 demonstram um desbalanceamento do número de meninos para meninas, sendo os primeiros em maior quantidade do que o de meninas. Estima-se, portanto, que mais de 300 mil fetos do gênero feminino foram abortados na Coreia do Sul no período de 1981 a 2010 em decorrência da preferência por filhos do sexo masculino, a figura 6 ilustra a variação do SRB durante os anos.

Figura 6 – Estimativa do número de meninas abortadas na Coreia do Sul (1981–2023)



Fonte: Adaptado de Cho e Hyun Suk (2025)

Esta conjectura complementa e fortalece o ideal confucionista citado no começo do trabalho sobre a preferência por filhos do gênero masculino em detrimento do feminino. O entorno durante os anos de 1960 a 1980 constitui também em um elemento chave para compreender como e porque a população coreana, em primazia as mulheres, diminuíram de ter bebês meninas. Isto ocorreu, pois, o governo coreano implementou medidas para controlar a natalidade a fim de reduzir o crescimento populacional (Chung; Gupta, 2007). Além disso, avanços na tecnologia médica das ultrassonografias possibilitaram o reconhecimento do sexo do feto, aliado a redução de filhos por casal, resultou na interrupção da gravidez quando identificado o gênero feminino. Com o desequilíbrio demográfico, o governo proibiu a divulgação médica da sexagem, aplicando penalidades criminais na tentativa de normalizar a relação de nascimentos. Após essas ações, a disparidade de gêneros nos nascimentos foi normalizada, entretanto, a taxa de natalidade geral começou a diminuir, preocupando o governo sobre a emergência demográfica nacional, investindo em medidas como o Plano para o Envelhecimento da Sociedade e da População criado em 2016 que visava reordenar a questão trabalhista com investimentos monetários de apoio a casais recém-casados, como incentivo a terem filhos, mas não foi suficiente para elevar o número de nascimentos no país.

Desde a declaração do ex-presidente Yoon Suk-yeol em 2022 sobre a crise demográfica na Coreia do Sul até o ano 2025, não houve crescimento significativo da taxa de

natalidade, pelo contrário, memes nas redes sociais comparando a extinção dos dinossauros com a dos coreanos demonstra a percepção popular, principalmente da geração jovem, sobre a situação. As mulheres, grupo principal apontado pelo governo como responsáveis por este desbalanceamento nacional estão apoiando cada vez mais movimentos de resistência feminista radical como o Movimento 4B como forma de demonstrar seus descontentamentos sobre a estrutura sistemática coreana de utilização do gênero feminino como degrau na sua escada de desenvolvimento, controlando, limitando e mantendo o papel da mulher onde é conveniente para os interesses nacionais. A diminuição da natalidade, mesmo após os incentivos monetários estatais, em adjunto a narrativa de culpabilização feminina por essa situação contribuíram no aumento da insegurança feminina, e, conseqüentemente, no aumento do número de opositores sobre as mobilizações feministas, como na ocorrência de protestos de antifeministas que condenam tais movimentos, ilustrado na figura 7 (Lee; Jeong, 2021).

Figura 7- Manifestação de antifeministas na Coreia do Sul cujo slogan é "페미니즘 규탄한다" (Condenamos o feminismo) e "남성혐오 중단하라" (Parem a misandria).



Fonte: Mackenzie (2022).

O serviço militar, por exemplo, é um ponto levantado por antifeministas que acreditam que em virtude do gênero feminino não ter obrigatoriedade em servir militarmente, dispõem de mais vantagem do que o gênero masculino com relação à entrada no mercado de

trabalho, uma vez que possuem mais tempo para desenvolver-se academicamente e profissionalmente enquanto os homens precisam ser afastados por quase 2 anos, prejudicando o crescimento profissional masculino (The Joongang, 2022). Em contra-argumentação, mesmo com o afastamento masculino para realizar o serviço militar, as mulheres não possuem mais oportunidades empregatícias do que os homens, nem chegando a ser as mesmas por conta da cultura empresarial desfavorável, como apresentado anteriormente, desta forma, a realidade feminina no país reúne agressões em vários contextos além do mercado de trabalho, o que demonstra a precariedade situacional vivenciada pelas mulheres. Essa violência, que se inicia antes mesmo do nascimento e se perpetua no mercado de trabalho, gerou um acúmulo de revolta que estava prestes a explodir. A ineficácia do Estado em proteger suas cidadãs forçou um 'reboot' no feminismo, tornando-o mais digital, mais visível e mais radical.

2.3 Reboot do feminismo

O Ministério da Igualdade de Gênero e Família realizou em 2024 uma apuração com mais de 7.000 mulheres sobre o nível de segurança feminina na Coreia do Sul. Do total, 36,1% das entrevistadas relataram que ao menos uma vez na vida já sofreram algum tipo de violência, sendo a maior incidência a sexual, seguida pela emocional e física. Ao serem questionadas sobre os agressores, a maioria das mulheres apontaram o parceiro romântico como os responsáveis pelos abusos (Korea Joongang Daily, 2025). De forma análoga, a Korea Women's Hot Line, organização de apoio a mulheres que sofreram agressões, apresentou em 2023 mais de 5.000 casos, sendo os maridos os maiores perpetradores com 50,8% , seguido pelos namorados/ficantes com 10,2%. Ainda nesta pesquisa, o abuso doméstico se destacou como a agressão mais comum, alcançando a margem dos 57,9% (Korea Women's Hot-Line, 2023).

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) divulgou em 2014 Hong Kong, Japão e a Coreia do Sul como os Estados que lideravam o ranking global das taxas de homicídio feminino, contudo, a relação das taxas de homicídios gerais desses países constituem as menores em nível mundial, e com isso, percebe-se que apesar dos casos de violência serem considerados pequenos em comparação com outros países, quando acontece, as mulheres são os alvos principais. Ainda neste relatório, a UNODC estimou os parceiros ou

familiares como os agressores em mais de 50% dos casos de feminicídio no continente asiático (Kwok, 2017). Entretanto, o número de casos de abusos é maior do que o apresentado, visto que muitas mulheres não realizam denúncias formais em decorrência da cultura de submissão imposta sobre as mulheres, fazendo com que muitas delas deem continuidade ao relacionamento abusivo, resultando nos casos mais graves suas próprias mortes.

Este desbalanceamento presente na Coreia do Sul é resultado da falha governamental em atuar de forma clara contra a violência de gênero, o que gerou uma cultura que mais deixa impune do que repreende, perpetuando assim, uma lacuna judicial de proteção para as mulheres segundo Heo Min Sook, pesquisador do Serviço de Pesquisa da Assembleia Nacional (Lee, 2024). Esta lacuna faz referência ao padrão judicial ineficiente do país em punir os agressores, caracterizado por longos processos, e quando a pena é estipulada geralmente sofre uma diminuição do tempo. Como exemplo, em 2022 uma jovem de 28 anos foi brutalmente assassinada no banheiro da estação de metrô, o criminoso era colega de trabalho da vítima que anteriormente já havia sido detido por persegui-la, entretanto, o mesmo foi liberado sem nem mesmo receber uma ordem de restrição. A jovem esteve sob a proteção policial por um mês, mas este serviço foi revogado na justificativa de que não havia mais perigo, a mulher foi assassinada pouco tempo depois. Esta situação gerou revolta na população que realizou protestos contra o sistema judiciário do país, como apresentado na figura 8, em que a posição estatal de tolerância foi alvo de críticas (Mackenzie, 2022).

Figura 8 - Protesto em solidariedade à vítima morta no metrô em 2022.



Fonte: Mackenzie (2022).

As leis, segundo as manifestantes, foram apontadas como insuficientes para proteger as mulheres, principalmente as direcionadas ao stalking, visto que até mais da metade do ano de 2021 a perseguição era considerada uma infração leve, cuja pena era o pagamento de uma multa menor a 100.000 won (equivalente a R\$390,87 atualmente) ou o infrator era detido por um período de tempo reduzido. No final deste mesmo ano uma lei anti stalking foi criada, entretanto, o ato de processar o agressor só poderia acontecer caso a vítima consentisse, criando uma brecha que pode ser utilizada pelo mesmo para intimidar e fazer a vítima desistir do processo, além disso, de todas as prisões realizadas desde que esta lei entrou em vigor, menos da metade dos suspeitos foram detidos (Mackenzie, 2022).

Uma situação semelhante a este crime ocorreu em 2016 e também gerou comoção social, em que uma jovem na faixa etária dos 20 anos foi assassinada como vingança ao gênero feminino que rejeitava o criminoso. A polícia atribuiu o crime como resultado de uma doença mental, contudo, a população discordou, apontando este caso como um feminicídio simbólico. Ademais, este último assassinato desencadeou no aumento do sentimento de revolta feminina sobre a insegurança no país, aumentando a visibilidade sobre a precarização situacional na qual as mulheres estão expostas, abrindo margem para que questionamentos sobre o tema fossem realizados na busca para encontrar soluções para reverter essa cultura de violência, principalmente quando os tipos de abusos estão se expandindo para ambientes

além do físico, alcançando o digital, área em que a polícia coreana possui ainda menos efetividade de atuação. Agora, a ocorrência de agressões não se restringia apenas ao espaço físico, com a digitalização da sociedade ela encontrou uma nova e aterrorizante fronteira para se expandir, tornando a vida das mulheres insegura também no ambiente virtual.

No ano de 2018 a realização de fotos e filmagens de mulheres sem os seus consentimentos em locais públicos, como em estações de metrô e vestiários, estava em alta, a mídia apresentava tais casos como simples pegadinhas por *molka*, câmeras espiãs, demonstrando uma certa permissividade frente a ilegalidade da situação. Os alvos principais de envio dessas gravações constituía as redes sociais e sites destinados ao consumo masculino, tornando-se palco de insatisfações femininas que no mesmo ano realizaram mobilizações com o slogan “Minha vida não é sua pornografia”, como ilustrado na figura 9, demandando uma posição estatal sobre essas infrações. Mesmo com os movimentos feministas recebendo, em suma, uma visão negativa da população e da mídia em decorrência da simplificação da resistência como atos de misandria, os protestos sobre as molkas contribuíram no início de uma mudança desse imaginário (DiPinti, 2023).

Figura 9 - Protesto contra as câmeras espiãs em 2018.



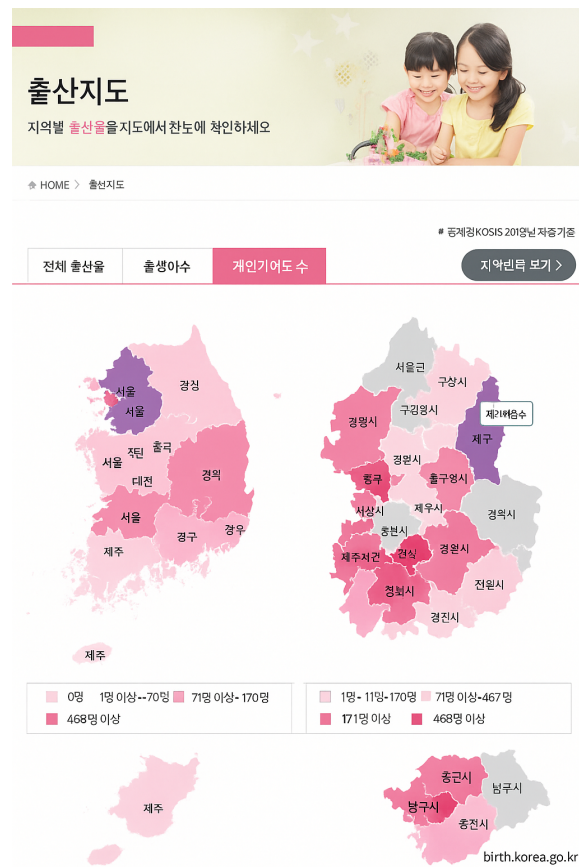
Fonte: Demopoulos (2024).

Em 2020 o caso intitulado como “Nth Room”, crime que ocorreu entre 2018 a 2020 chegou ao conhecimento público pela peculiaridade do local em que o crime aconteceu, apresentando um novo modelo de violência que por muito tempo passou despercebido, mas que ainda continuava no mesmo padrão de vítimas, as mulheres. A plataforma Telegram com suas salas de bate-papo foi o local que reuniu mais de 200.000 usuários passivos e ativos na extorsão e exploração sexual de mulheres de idades distintas, atraídas tanto por propostas falsas de trabalho como pela notificação enganosa de que seus conteúdos sensíveis foram expostos na internet. As mulheres eram manipuladas a partir de golpes de *phishing*, fraudes online para enganar e roubar dados sensíveis das vítimas, em que o medo era explorado como instrumento para que as ordens dos líderes do esquema fossem acatadas (De Souza, 2020). Com a exposição dos crimes ao público, a população se revoltou com a lentidão do processo e com o despreparo do governo em resolver o caso, a divulgação dos principais autores desses crimes também gerou uma surpresa popular tanto por conta da idade dos infratores, muitos ainda em idade escolar, como na relação dos mesmos com algumas vítimas visto que, em alguns casos, a pessoa explorada era conhecida ou membro da própria família dos criminosos.

Embora os casos digitais possuam um elevado nível de ilegalidade, a taxa de condenações é baixa, em que muitos deles são arquivados ou possuem penalidades brandas, favorecendo a impunidade desses crimes e aumentando o sentimento de segurança para que os infratores continuem realizando tais transgressões (Barr, 2021). Os movimentos em prol dos direitos das mulheres não são recentes, a Korean Women's Associations United que lutava pelo combate ao abuso doméstico e pelos direitos trabalhistas das mulheres, por exemplo, tem origem no período da ditadura militar coreana, porém, a popularização do meio digital e a criação de comunidades online difundiram a discussão sobre a realidade feminina no país, fortalecendo o surgimento de novos movimentos, mas que, segundo o Movimento 4B, não foram eficazes em cessar o padrão de violências por conta da insistência em atribuir ao governo a posição de ator principal de mudança na realidade vivida pela população feminina que clamava por medidas de proteção. Contudo, conforme o nível de insegurança crescia, a descrença também, fazendo com que outras alternativas para conseguir a segurança do gênero feminino comesçassem a ser estipuladas com um teor mais radical, desviando a posição de ação do governo para os próprios indivíduos diretamente afetados, ou seja, as mulheres.

No ano de 2015, os discursos misóginos evidenciando o distanciamento da geração feminina sobre o ideal de “boas moças”, padrão que as associava prioritariamente às demandas domésticas em detrimento de outras esferas sociais, eram constantemente reforçados, demonstrando a continuidade das repreensões acerca do papel feminino (Lee; Jeong, 2021). Neste mesmo período, grupos de resistência surgem no ambiente digital como forma de expor as disparidades sociais entre homens e mulheres e, apesar do ponto central de muitos desses movimentos estarem voltadas para a luta de gêneros, a ofensiva estatal logo alcançou destaque nas críticas das feministas por conta das normativas explícitas do interesse governamental sobre a reprodução feminina (Jeong; Lee, 2018). Em 2016, o Ministério do Interior lançou um website que exibia uma relação de mulheres na faixa etária dos 15 aos 49 anos, compreendidas como em “idade de reprodução” de determinadas localidades do país. Com o “propósito” de ser utilizado como uma ferramenta de exibição e conscientização popular sobre a redução da natalidade na Coreia, o site divulgava dados como a média etária de mulheres para casar, benefícios governamentais direcionados para as crianças, dentre outras informações. Além disso, a estética do site reforçava estereótipos de gênero, utilizando tons de rosa e elementos ilustrativos “femininos” para destacar regiões com maior ou menor concentração de mulheres em idade fértil (Persio, 2016).

Figura 10 - Site exibindo o mapa de natalidade por região, utilizando variedade de tom para destacar locais com mais ou menos mulheres em idade fértil.



Fonte: The Grand Narrative (2023).

Figura 11 - Interface na versão móvel destacando dados femininos como taxa de fertilidade, casamentos e nascimentos.



Fonte: Persio (2016).

Esta iniciativa governamental é um exemplo cristalino de biopolítica foucaultiana, onde a população é tratada como um recurso a ser gerenciado, e o corpo feminino, um objeto de política estatal. De forma complementar, a divulgação dessas informações fomentou discussões online, demonstrando a desaprovação feminina em serem apresentadas como elementos em pauta para diálogo público apenas por suas capacidades reprodutivas (Lee; Jeong, 2021). O grupo de feministas nomeado como Bwave discutiu essa situação como uma prova de que a misoginia enfrentada pelas mulheres vai além do gênero masculino em si, uma vez que o Estado e com ele a sociedade se sentem confortáveis para abordar o corpo feminino como se fosse um objeto público, desconsiderando as opiniões dos principais indivíduos interessados e envolvidos na situação, as próprias mulheres. Adeptas do Bwave compreendem o governo, portanto, como impositor de normativas tradicionais, especialmente

as que envolvem a heteronormatividade e a natalidade, retirando o protagonismo das mulheres sobre seus próprios corpos como forma de alcançar objetivos nacionais, em similaridade com a ideia de biopolítica de Foucault. Em protesto, cartazes com frases como: "Meu útero não é propriedade pública", "Rejeite a fertilidade, rejeite o gado" e "Você está falando de estatísticas sobre vacas de alta qualidade? Por que está falando de mapas de nascimento?" São exemplos de slogans utilizados pelo grupo, fazendo alusão a percepção social sobre o papel feminino na reprodução em massa, como quando uma das protestantes se fantasiou de máquina automática de venda de bebês, exposto na figura 12.

Figura 12 - Protestantes fantasiadas fazendo alusão a reprodução em massa.

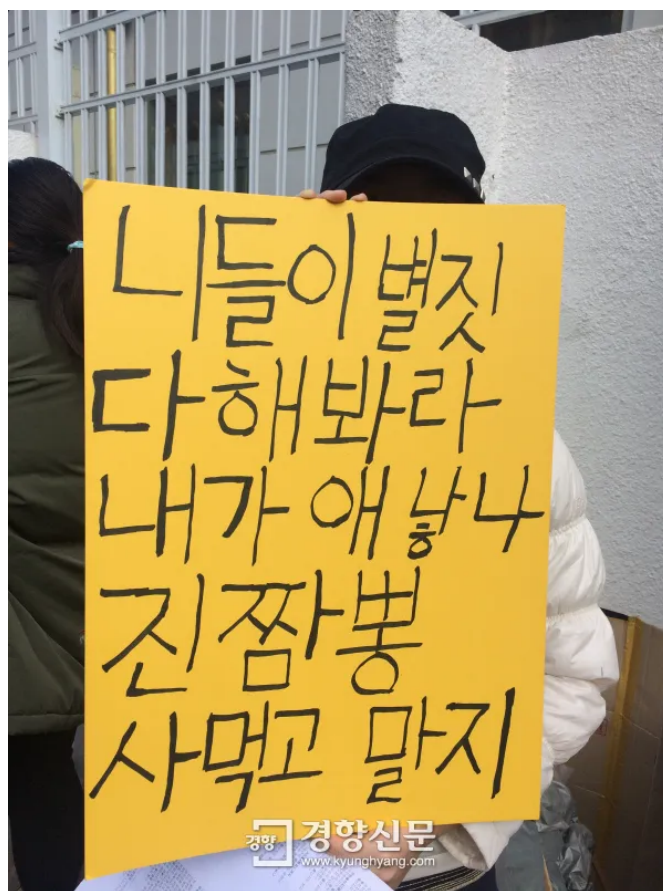


Fonte: 이진주 (2017).

Ademais, o Bwave declarou que há uma discrepância entre a Coreia e outros países desenvolvidos acerca da crise demográfica, o que afeta diretamente nos seus resultados,

enquanto a posição estatal coreana é de transferir e culpabilizar as mulheres sobre a diminuição da taxa de natalidade, os outros países investem em políticas que visam fornecer amparo não apenas para as crianças, mas principalmente para as mulheres ao garantir emprego para as mães após o parto. Em conformidade, o cartaz da figura 13 cuja tradução varia entre "Você pode fazer o que quiser, eu não vou ter um bebê. Apenas compre um pouco de jjampong e coma" e "Mesmo que vocês ofereçam todos os benefícios possíveis, você acha que eu vou ter filhos? Prefiro gastar com um prato de jjamppong do que ter filhos." expressa uma crítica irônica a relação da recusa à maternidade como os incentivos estatais, uma vez que estes últimos são pouco atrativos e ineficazes em gerar mudanças reais na realidade feminina para que as mesmas se comprometam por toda a vida com a criação de filhos, sendo mais vantajoso para elas, portanto, comer um prato simples e ter um prazer imediato (이진주, 2017).

Figura 13 - Cartaz fazendo alusão aos incentivos governamentais e a recusa feminina à maternidade.



Fonte: 이진주 (2017).

Destarte, a posição de negligência estatal aliada a configuração social de perpetuar ideais que promovem violências sobre a papel feminino na natalidade contribuem na marginalização feminina, tornando-se um dos pontos principais do Movimento 4B ao ir de encontro com a previsibilidade reprodutiva das mulheres e se afastando da imposição do corpo feminino como instrumento de manutenção do futuro nacional. Essa previsibilidade atrelada à vida feminina no ciclo de desenvolvimento-casamento-filhos exclui outras possibilidades de escolha e, com a chegada ao marco final -a maternidade- a percepção é como se a vida da mulher acabasse ali, predeterminada antes do seu nascimento e finalizada aos 30 anos. Com a popularização dos fluxos online, ambientes que promovem debates e compartilhamento de informações no meio digital, as mulheres podem questionar e imaginar um futuro além do que foi prescrito para elas e apesar do seu teor imprevisível, por ser uma ideia de futuro por tanto tempo marginalizada e invalidada, elas alcançam a possibilidade de juntas integrarem uma nova realidade, uma forma de resistência a vida “tida como garantida”.

Em alusão a concepção confucionista de que somente os indivíduos mais desenvolvidos academicamente e financeiramente seriam capazes de ditar o direcionamento social, torna-se indispensável o aumento econômico feminino para conseguir se desvincular do sistema de opressões, principalmente quando ele dá indícios de que não vai mudar. Sendo assim, grupos como a Solodarity incentivam as mulheres através das redes sociais a aprofundarem seus conhecimentos sobre economia, em uma tentativa de reverter o desfavorecimento financeiro feminino, já que a característica intrínseca da economia sul-coreana é a desproporcionalidade salarial entre os gêneros (Solodarity, 2019). Além do monetário, este grupo alerta sobre a questão da habitação, que no país possui um custo elevado, tendo em suma a moradia sendo adquirida a partir da soma de salários do casal, em que o homem provém a maioria do valor, o que dificulta a vida das mulheres que optarem por não se casar. A resposta governamental nessa situação é apoiar a compra ou aluguel de imóveis para casais recém-casados, o que demonstra o direcionamento estatal não em promover a evolução individual e sim casamento. Tal posição do governo é compreendida por muitas críticas como uma espécie de suborno ou até mesmo como uma forma de premiação para incentivar as pessoas a casarem, em resposta a isso, a escritora Jin-ah Kim, autora de livros em apoio ao feminismo, motiva as mulheres a se tornarem chefes de família,

focando suas atenções em trabalharem para conquistarem sozinhas suas próprias casas, sem depender de uma união matrimonial para isso (Kim, 2019).

Apesar desses movimentos representarem um protesto sobre a situação feminina na Coreia, Joo Hyun Cho (2019) argumenta que estas mobilizações anteriores ao Movimento 4B não alcançaram uma real efetividade em lidar diretamente com as causas estruturais que fomentam e naturalizam a violência contra o gênero feminino, uma vez que há o desejo de mudar a estrutura da sociedade coreana de dentro para fora, um anseio praticamente impossível visto que não apenas a cultura nacional está amparada em normativas de divisão de gênero como também os atores de tomada de decisão estão, majoritariamente, na posição do gênero privilegiado, tornando o processo de lutas feministas praticamente irrelevante. A percepção de que nem o Estado, nem os movimentos existentes eram suficientes para garantir a segurança feminina levaram as mulheres a uma conclusão inevitável: a resistência precisava assumir uma nova forma, uma que não buscase mais reformar o sistema, mas sim confrontá-lo diretamente. Ademais, o Movimento 4B surge como uma forma de acabar com os abusos explícitos e implícitos cometidos contra as mulheres, utilizando a recusa de envolver-se com homens e não ter filhos dando preferência a outras realizações como uma forma de desconstruir o ordenamento patriarcal do país “desde a raiz”, retirando-se desse sistema opressor (Jeong; Lee, 2020).

3. O MOVIMENTO 4B

O Movimento 4B surge em meados do ano de 2019 na Coreia do Sul, consolidando-se como movimento de resistência feminista radical em resposta ao padrão coreano de agressões contra as mulheres implementado por séculos no país. A sobrevivência das mulheres constitui o objetivo primordial do 4B, sendo alcançado a partir da rejeição de instituições que produzem normativas opressivas como o casamento heterossexual, a maternidade compulsória e relações afetivas que perpetuam a subjugação do gênero feminino. O movimento não tenta reconstruir o sistema, em vez disso, distancia-se dele de forma voluntária. A insegurança feminina, rigidez de mobilização social e o desequilíbrio demográfico são exemplos de falhas compreendidas pelas apoiadoras do 4B como resultado direto desse sistema, afetando vários âmbitos da sociedade e perpetuando um padrão que normaliza a violência contra as mulheres (Lee, Jeong, 2021). O crescimento do ativismo digital contribuiu para o surgimento do 4B, fóruns como o Megalia (메갈리아) fechado em 2016 por conter postagens de ofensiva contra a misoginia, ódio pelas mulheres, Womad (워마드) banido em 2018 pelo fortalecimento radical de ideais de resistência feminina, Twitter e outras plataformas online tornaram-se um refúgio ao permitir que as mulheres pudessem compartilhar suas opiniões, muitas delas contrárias aos ideais tradicionais majoritários no país.

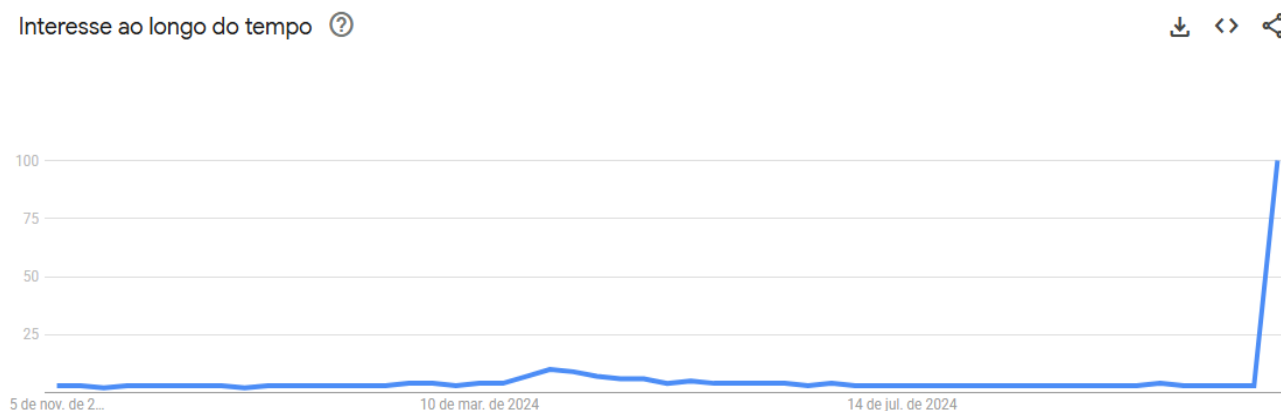
A estrutura horizontal descentralizada sem a predominância de um líder compõe o caráter orgânico do 4B, em que o anonimato é um artifício importante utilizado pelas adeptas do movimento como forma de evitar represálias por apoiarem uma corrente radical em um país conservador caracterizado por fortalecer papéis tradicionais de gênero (Lee, Jeong, 2021). Em conformidade, apresentar-se como sendo feminista é uma atitude evitada pelas coreanas, uma vez que a oposição consiste na maioria da população, cujos ideais tradicionais são considerados pelo grupo predominante como sendo formuladores culturais do país e uma mudança nesse padrão geraria uma perda de significado da nação coreana. Em decorrência ao direcionamento contrário dos movimentos em prol dos direitos das mulheres, há um histórico de distorção midiática sobre as causas e objetivos das feministas radicais, amparando-se, em sua maioria, na relação desigual entre o gênero feminino sobre o masculino, como se o primeiro quisesse ter mais direitos do que o segundo, tornando-se uma “justificativa” para a misandria, ódio pelos homens (DiPinti, 2023). Nascido das especificidades do contexto sul-coreano, a lógica radical e a mensagem poderosa do Movimento 4B logo ultrapassaram as

fronteiras nacionais, encontrando um eco surpreendente no Ocidente, especialmente em momentos de crise política e retrocesso nos direitos das mulheres.

3.1 Expansão do Movimento 4B para além das fronteiras sul-coreanas: Avanço ou retrocesso?

Segundo The Guardian (2024), a eleição de Donald Trump em 2024 impulsionou um aumento do interesse ocidental, principalmente das norte-americanas, pelo Movimento 4B, apresentando um crescimento de 450% nas buscas no Google pelo movimento e termos relacionados a ele, sendo ilustrado na figura 14 a abrupta diferença entre um ano antes de sair o resultado da eleição e um dia depois.

Figura 14 - Interesse de busca pelo Movimento 4B nos EUA entre os meses de novembro de 2023 e 2024



Fonte: Google Trends (2024), elaboração da autora.

Este crescimento do interesse pelo 4B nos Estados Unidos compreende-se como resultado das ressalvas do público feminino sobre a situação das mulheres com o retorno de um governo conservador cujo maior representante político detêm um longo histórico de comentários denegrindo o gênero feminino e de acusações de abuso sexual direcionados a ele (Lee, 2025). Um exemplo que sintetiza o sentimento de desconfiança feminina sobre Trump

foi o comentário deferido por ele de que "Você pode fazer qualquer coisa. Agarre-as pela vagina. Você pode fazer qualquer coisa." em alusão ao poder que a fama oferece de agir sem precisar do consentimento do outro, principalmente se o outro for uma mulher (Muller, 2016). Com a anulação da decisão *Roe v. Wade*, que garantia o poder de escolha feminina sobre dar continuidade ou não a uma gestação, a legalidade ou proibição do aborto depende, agora, do estado em que é realizado, com isso, grupos norte-americanos de defesa dos direitos femininos teceram críticas sobre o conservadorismo presidencial de Trump, uma vez que apesar da revogação deste direito não ter ocorrido durante o mandato dele, a maioria conservadora da Suprema Corte foi reforçada durante o seu governo (King, 2023). Vídeos e postagens nas redes sociais instigando a adoção dos ideais do Movimento 4B de “boicotar todos os homens” tornaram-se virais nos EUA, tendo esta atitude compreendida como a “decisão lógica” a se fazer quando o sistema decide promover um ambiente de insegurança para as mulheres.

Comparações sobre o uso da subjugação feminina para angariar apoiadores, visando a manutenção de poder, entre a Coreia do Sul e os Estados Unidos cresceram durante o período eleitoral norte-americana, em que a similaridade do encaminhamento estratégico entre Yoon Suk-yeol e Trump fortaleceram a percepção popular das violências cometidas contra o gênero feminino em ambos os países. Durante a campanha para presidência, ambos os candidatos aproximaram-se de comunidades masculinas, constituídas, principalmente, de homens na faixa etária dos 20 anos que possuíam um direcionamento conservador acerca do papel feminino na sociedade, questionando e criticando mudanças que objetivam modificar a estrutura social de predominância de poder masculino. Segundo Bruna Camilo, doutora e pesquisadora em Gênero da PUC-Minas, estes grupos contribuem na manutenção do caráter tradicional/conservador na modernidade, em que o sentimento de frustração e insegurança masculina sobre as transformações sociais, em primazia aos que envolvem os direitos das mulheres, e o avanço do feminismo serviram como ponto de entrada para que Trump pudesse se aproximar e se posicionar como um líder que enxergava esse descontentamento e atuaria em combate aos elementos que o resultava (UOL, 2024; Cottle, 2024). Outrossim, a figura 15 apresenta a participação do presidente, discursando principalmente sobre a luta contra pautas progressivas, na *The Believers Summit*, evento organizado pela *Turning Point USA*, uma das organizações mais conhecidas nos Estados Unidos pelo seu caráter conservador direcionado para o público jovem e em período acadêmico no país.

Figura 15 - Trecho do vídeo do discurso de Donald Trump no evento da Turning Point USA, "The Believers Summit".



Fonte: Live Now from FOX (2024).

Em conformidade, Lee Ye-eun, membro do grupo feminista Haeil, aponta o uso do sentimento antifeminista como uma das estratégias principais de Yoon para angariar eleitores, fazendo declarações como a inexistência de discriminação estrutural na Coreia, apresentado na figura 16, e o desejo em abolir o Ministério da Igualdade de Gênero, na justificativa de que ministérios como este apresentam o gênero masculino como criminosos em potencial e beneficiam as mulheres de forma desigual em comparação aos homens, como artifício para angariar apoio da população masculina insatisfeita com o aumento de adeptas a ideologias feministas, especialmente as de cunho radical como o Movimento 4B (Gunia, 2022).

Figura 16 - Recorte da reportagem da JTBC sobre a percepção de Yoon Suk-yeol acerca das questões de gênero na Coreia do Sul.



Fonte: JTBC News (2019). Traduzido e adaptado pela autora.

Se, antes de 2022, o voto jovem nos EUA e na Coreia do Sul organizava-se principalmente em torno de divisões geográficas e ideológicas, o período posterior revelou uma transformação marcante: as questões de gênero tornaram-se um eixo central de polarização. Nos EUA, esse fenômeno somou-se às clivagens tradicionais, como o conflito liberal-conservador, enquanto na Coreia assumiu um caráter radical, substituindo antigas divisões. Lá, homens jovens, anti-feministas, e mulheres jovens, feministas ou adeptas de alguns ideais do feminismo, passaram a ocupar pólos opostos do espectro político, redefinindo a dinâmica eleitoral (Gunia, 2022). Com base nessas similaridades, o apoio pela implementação dos ideais do Movimento 4B nos EUA ganhou força, relacionando os efeitos do movimento de origem norte-americana o #MeToo na Coreia do Sul, que serviu como impulsionador da criação do 4B no país asiático.

O movimento #MeToo surgiu no ano de 2017 nos EUA quando uma acusação de assédio sexual contra um produtor de Hollywood instigou uma mobilização popular, principalmente feminina, em denunciar casos de violências cujos agressores eram especialmente homens de proeminência social que se consideravam intocáveis em decorrência dos seus status. Na Coreia do Sul, por sua vez, o movimento serviu como fonte de encorajamento para diversas mulheres quebrarem o silêncio e protestarem contra a

sociedade coreana, figura 17, que perpetua a cultura de hierarquização de poder, padrão altamente nocivo para as mulheres.

Figura 17 - Ativistas sul-coreanas no Centro de Imprensa em apoio às vítimas de violência sexual em 2018.



Fonte: Strother (2019).

Tais manifestações tiveram como resultado acusações de violência sexual contra homens de diversos setores do país, de representantes religiosos até da política, como exemplo o caso de Ahn Hee-jung, ex-candidato à presidência do país, que após acusações de abuso pela sua ex-assistente foi expulso do Partido Democrata, renunciando sua posição de governador e se desculpando publicamente pelos seus atos, figura 18 (Strother, 2019).

Figura 18 - Publicação de Ahn Hee-jung em sua conta no Facebook renunciando seu cargo de governador após pedir desculpas a sua ex-assistente Kim Ji-eun.



Sinto muito a todos.
 Acima de tudo, sinto muito por Kim Ji-eun, que sofreu por
 minha causa.
 Peço perdão pelo meu comportamento tolo.
 A posição do gabinete do secretário de que foi um
 relacionamento consensual está errada.
 Tudo é minha culpa.
 A partir de hoje, renunciarei ao cargo de governador.
 Cessarei todas as atividades políticas.
 Mais uma vez, sinto muito a todos.
 Atenciosamente, Ahn Hee-jung

👍 좋아요

💬 댓글 달기



Fonte: 연합뉴스 (2019). Traduzido e adaptado pela autora.

Posteriormente, Ahn tentou recorrer, mas foi indiciado criminalmente e perdeu o apoio popular. No entanto, a pena foi reduzida por falta de provas contundentes, gerando insatisfação em uma parte da população que ansiava por mudanças efetivas e um tanto quanto radicais na sociedade, contribuindo no surgimento do Movimento 4B e no seu teor radical. Mesmo com esse passado, algumas feministas sul-coreanas adeptas do movimento possuem opiniões diversificadas sobre a expansão ideológica do 4B para outros lugares do mundo, indo desde o sentimento de encorajamento a preocupação (Lee, 2025). Apesar do potencial de solidariedade global, essa expansão trouxe consigo um dilema complexo que já existia em sua origem: ao definir a mulher a partir de uma perspectiva estritamente biológica para se proteger do patriarcado, o Movimento 4B se deparou com a questão da exclusão, especialmente da comunidade trans, gerando um debate interno sobre os limites de sua própria resistência.

3.2 Entre a proteção e a exclusão: O dilema do 4B

Segundo Kim (2025), a expansão do Movimento 4B para além da Coreia do Sul desperta inseguranças em razão do risco de que sua complexidade histórica seja simplificada,

ou seja, de que os fatores que impulsionaram o teor radical do movimento, com a construção nacional sustentada pela imposição de papéis sobre os corpos femininos e a violência sistemática contra o gênero feminino em resultado, sejam relegados a segundo plano na compreensão internacional, ou seja, de que o 4B seja utilizado como mera inspiração e o seu processo específico de desenvolvimento seja marginalizando. Seguindo esta lógica de pensamento, caso a bagagem situacional do movimento fosse respeitada e devidamente captada, seria favorável o seu compartilhamento para além das fronteiras sul-coreanas, porém, isso significa que os aspectos negativos do 4B também seria difundido, constituindo em mais uma ressalva para a expansão do movimento. O caráter radical do 4B é explicado pela busca por uma sociedade segura contra as imposições patriarcais exercidas contra as mulheres, afastando-se do que não está englobado no ideal de “feminino”, baseado em características biológicas do gênero feminino, em outros termos, de mulheres cis. Assim sendo, a concepção do “outro” é construída a partir de tudo o que não se enquadra no padrão biológico aceito pelo 4B na justificativa de que podem se tornar ameaças para o ideal de proteção feminina, fortalecendo, desta forma, o princípio da recusa do envolvimento com homens. Todavia, o binarismo rígido proporcionado por essa normativa reforça a exclusão das mulheres trans, visto que fogem do padrão aceito, sendo incluídas também na parcela de potenciais ameaças ao ideal de comunidade composta exclusivamente por mulheres biológicas (Kim, 2025).

A razão pela qual essa vertente trans-excludente encontrou um terreno tão fértil no Movimento 4B reside na própria fundação de sua lógica de resistência. Para se proteger de um ordenamento tradicional que instrumentaliza seus corpos, o movimento construiu sua fortaleza em torno da definição mais irredutível de "mulher": o sexo biológico. Ao fazer da biologia o critério central para a identidade feminina, o 4B cria uma fronteira clara e defensável contra o "outro" masculino. Contudo, essa mesma muralha erguida para proteção acaba, inevitavelmente, por excluir qualquer pessoa que não se encaixe nessa definição estrita, como as mulheres trans. A proteção de um grupo, nesse caso, é alcançada ao custo da exclusão de outro, transformando uma estratégia de sobrevivência em um mecanismo de segregação. Essa separação entre mulheres cis e trans poderia ser fomentada caso o Movimento 4B seja difundido e implementado em outros países. Mesmo que não houvesse uma imposição ou direcionamento dos movimentos feministas ao final dos anos de 1960 para se distanciarem de pessoas trans, atualmente o teor radical é utilizado pela parcela das

feministas que excluem a comunidade trans como ferramenta para instigar medidas antitrans (Kim, 2024).

A capacidade de resistência do 4B é reduzida, portanto, pela limitação quantitativa de potenciais aliados na desconstrução da estrutura patriarcal. Além disso, o uso da vitimização a partir da centralidade biológica dos gêneros como estratégia de promoção do feminismo radical não reconhece os privilégios que o cercam, já que a heteronormatividade (mesmo não estando em prática) e o privilégio cisgênero presentes no âmbito social constituem vantagens em comparação com a comunidade LGBTQIA+, fugindo, portanto, da normativa do gênero feminino como o grupo mais marginalizado (Koo, 2019). Em acordo, Lee (2020) argumenta que essa vitimização constitui a tentativa de recuperar os direitos inviabilizados pelo “outro”, não apenas se distanciando da comunidade LGBTQIA +, como também categorizando-os como competidores diretos, uma ameaça que elimina qualquer tipo de solidariedade entre ambos. Koo (2019), por sua vez, recomenda a reconsideração da abordagem que rege o Movimento 4B, centralidade no gênero biológico, para que com uma maior interseccionalidade seja possível desconstruir o ordenamento tradicional patriarcal da sociedade sul-coreana ao ir além de preceitos históricos voltados a divisão de gênero.

Com base nisso, o crescente aumento do interesse internacional sobre os ideais do Movimento 4B preocupa as feministas queer sul-coreanas, em que o medo de que as políticas antitrans sejam transformadas em medidas de “proteção” feminina como forma de manipulação de atender um grupo enquanto prejudica outro de forma “oculta” se torne constante na Coreia do Sul e, como resultado, seja replicado nos outros locais no qual os ideais do 4B forem implementados (López, 2024). Apesar do Movimento 4B ter surgido em um momento situacional sociocultural específico do país, o feminismo trans excludente radical associado a ele foi moldado a partir da influência de políticas antitrans internacionais (Kim, 2025). Isto não impõem ao 4B a transfobia como um critério direto, mas aliado a utilização da “vitimização feminina” como estratégia narrativa de dor e vulnerabilidade, promove atenção sobre o grupo das mulheres cis, priorizando-as em detrimento das outras, como no caso do canal do YouTube intitulado “West 4B Movement” que enquanto estava no ar propagava uma visão separatista do feminismo radical que engloba apenas mulheres biológicas (Kim, 2024). Destarte, se faz necessário analisar os impactos e possíveis consequências que o compartilhamento do movimento pode gerar antes de apoiar sua difusão no cenário internacional, visto que tanto os aspectos visíveis, a recusa do envolvimento com homens para foco no desenvolvimento individual da mulher, como os invisíveis, exclusão da

comunidade LGBTQIA+, serão replicados em contextos variados, instaurando ou fortalecendo tais concepções, além de criar uma falsa irmandade universal em decorrência de identificações rasas que são alcançadas a partir da segregação de outros grupos também marginalizados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se demonstrar que o Movimento 4B não é um fenômeno isolado ou um extremismo sem fundamentos, mas sim a consequência radical e a resposta direta a uma profunda e insustentável contradição social: o Paradoxo Coreano. A trajetória da Coreia do Sul, marcada por um desenvolvimento econômico vertiginoso que não foi acompanhado por uma evolução nas estruturas de gênero, criou o terreno fértil para a emergência dessa forma contundente de resistência. A análise revelou como o Estado e a sociedade sul-coreana, ao mesmo tempo em que incentivaram as mulheres a atingir a excelência educacional, perpetuaram um sistema patriarcal que lhes nega oportunidades iguais no mercado de trabalho, as sobrecarrega com a totalidade das demandas domésticas e reprodutivas e as submete a uma cultura de violência sistêmica. Este cenário paradoxal de educar para a competência e punir com a subordinação produziu uma geração de mulheres altamente qualificadas, porém profundamente desiludidas com a promessa de mobilidade social garantida pelo governo no ápice do apogeu econômico nacional.

Nesse contexto, o Movimento 4B surge como a conclusão lógica do paradoxo à resistência. Se as instituições fundamentais como o casamento (Bihon), a maternidade (Bichulsan), os relacionamentos heterossexuais (Biyeonae) e as relações sexuais com homens (Bisekseu) são os pilares que sustentam essa estrutura opressora, a única resposta considerada eficaz por suas adeptas é, portanto, a sua completa rejeição. Trata-se de um ato de retirada estratégica: ao se recusarem a participar do sistema, as mulheres não apenas buscam a autopreservação, mas também atacam a base que garante a continuidade do modelo tradicional, expondo a crise demográfica não como uma "falha" feminina, mas como um sintoma da falência do próprio sistema.

A análise da expansão do movimento para o Ocidente reforça sua relevância global, mas também acende um alerta sobre os riscos de descontextualização. A força do Movimento 4B reside precisamente em sua origem como resposta a um paradoxo específico, e sua importação sem a devida compreensão de suas complexidades, incluindo seus debates internos sobre exclusividade, pode diluir seu poder crítico. Apesar de ser um movimento aparentemente revolucionário, o mesmo apresenta problemas de inclusão que afetam diretamente na sua efetividade, questões estas que caso o 4B seja difundido globalmente pode acarretar nos incentivos de práticas de exclusões contra grupos marginalizados nos locais no qual o movimento for implementado. Em suma, este trabalho conclui que o Movimento 4B é

a manifestação mais explícita da fratura de gênero na Coreia do Sul. Ele não apenas desafia o Estado, mas o faz nos seus próprios termos, transformando o corpo feminino, antes um instrumento de manutenção nacional, em um campo de batalha para a libertação individual e coletiva. A passagem do paradoxo à resistência não é, portanto, apenas o título deste estudo, mas a própria definição da jornada da mulher sul-coreana que, ao se ver sem saídas dentro do sistema, decidiu construir uma nova realidade fora dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMSDEN, Alice Hoffenberg. **Asia's next giant: South Korea and late industrialization**. Oxford University Press on Demand, 1989.

ANDRADE, Andréia Rafaela Martins Silva. **Brasil e Coreia do Sul à luz do século XXI: a importância da tecnologia na estrutura produtiva, na inserção internacional e na formação do Sistema Nacional de Inovação**. 2019. Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=490003>. Acesso em: 06 fev. 2025.

BANCO MUNDIAL. **GNI per capita, Atlas method (current US\$) - Korea, Rep.** Washington, D.C.: The World Bank Group, 2020. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GNP.PCAP.CD?locations=KR>. Acesso em: 14 dez. 2024.

BARR, Heather. **“My life is not your porn”**. Human Rights Watch, 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2021/06/16/my-life-not-your-porn/digital-sex-crimes-south-korea>. Acesso em: 19 jun. 2025.

KING-LEVINSON, Robin. **Four ways the end of Roe v Wade has changed America**. . BBC NEWS, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-65956103>. Acesso em: 14 jul. 2025.

KOREA WOMEN’S HOT-LINE. **2023년 한국여성의전화 상담통계 분석 – 친밀한 관계 내 여성폭력을 중심으로**. Seoul: Korea Women’s Hot-Line, 2023. Disponível em: <https://hotline.or.kr/archive/?bmode=view&idx=26140010>. Acesso em:

MACKENZIE, Jean. **Seoul subway murder sparks fury over South Korea 's stalking laws**. BBC, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-62998084>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MACKENZIE, Jean. **'Meu chefe me mandou lavar toalhas dos meus colegas homens': o machismo na Coreia do Sul**. BBC NEWS BRASIL, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63994873>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEE, Rachel. **Movimento 4B: como mulheres sul-coreanas estão dizendo ‘não’ ao casamento, ao sexo e até mesmo a relacionamentos com homens**. BBC NEWS BRASIL, 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8d96qrd32no.amp>. Acesso em: 14 jul. 2025.

CHO, Du Sang; HAN, Jung Min. **Women 's Career Interruptions and the Declining Fertility**. Korea Development Institute (KDI), 2024. Disponível em: https://www.kdi.re.kr/eng/research/focusView?pub_no=18386. Acesso em: 17 jul. 2025.

CHO, Hyun Suk. **The Estimation of the Number of Aborted Girls in South Korea**. American Journal of Human Biology, v. 37, n. 4, e 70046, p. –, 17 abr. 2025. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC12006057/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CHO, Joo-hyun. **Megalian, Ilbe, and the Asymmetric Power of Online Hate Speech: The New Feminist Movement in South Korea**. Gyeongje wa Sahoe (Economy and Society), n. 123, p. 110-141, 2019. Disponível em: <https://www.kci.go.kr/kciportal/ci/sereArticleSearch/ciSereArtiView.kci?sereArticleSearchBean.artiId=ART002532588>. Acesso em: 20 mar. 2025

CHOE, Sang-Hun. **Samsung Heir Is Indicted but Avoids Jail**. The New York Times. 1. set. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/09/01/business/samsung-lee-south-koreaindicted.html?SearchResult%20Position=9>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CHUNG, Woojin; DAS GUPTA, Monica. **The Decline of Son Preference in South Korea: The Roles of Development and Public Policy**. Population and Development Review, v. 33, n. 4, p. 757–783, 2007.

COTTLE, Michelle. **Trump and the Angry Young Men**. The New York Times, New York, 18 maio 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/05/18/opinion/trump-angry-young-men.htm>. Acesso em: 14 dez. 2024.

DE SOUZA, Nicole. **The Nth Room Case and Modern Slavery in the Digital Space**. Lowy Institute, 2020. Disponível em: <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/nth-room-casemodern-slaverydigital-space>. Acesso em: 20 mar. 2025.

DIPENTI, Ashley. **The War on Gender Equality: A Comparative Study Between Feminism and Anti-Feminism in South Korea and the United States**. Brigham Young University, 2023. Disponível em: https://scholarsarchive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1310&context=studentpub_uht. Acesso em: 21 ago. 2024

DOEPKE, Matthias; HANNUSCH, Anne; KINDERMANN, Fabian; TERTILT, Michèle. **The Economics of Fertility: A New Era**. NBER Working Paper No. 29948, Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, abril 2022. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w29948>. Acesso em: 17 jul. 2025.

DOEPKE, Matthias; KINDERMANN, Fabian. **Bargaining over Babies: Theory, Evidence, and Policy Implications**. American Economic Review, set. 2019. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.20160328>. Acesso em: 17 jul 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. (Original publicado em 1976).

Google Trends. **Termo: "4B movement", período: 05 de novembro de 2023 a 09 de novembro de 2024**. Disponível em: <https://trends.google.com>. Acesso em: 12 ago. 2025.

GRANT, Judith. **Fundamental Feminism: Radical Feminist History for the Future**. 2. ed. New York: Routledge, 2020. eBook.

HONDA, Débora Hisae. **A Febre Educacional Sul Coreana, Passado e Presente: O Paradoxo Entre a Tradição e o Desenvolvimento**. HUMANIDADE & INOVAÇÃO, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7233>. Acesso em: 28 nov 2024.

PERSIO, Sofia Lotto. **South Korean government website tracking 'fertile' women shuts down**. International Business Times, 2016. Disponível em: <https://www.ibtimes.co.uk/south-korean-government-websitetracking-fertile-women-shuts-down-1598701>. Acesso em: 26 jul. 2025.

JEONG, Euisol; LEE, Jieun. **We take the red pill, we confront the DickTrix: online feminist activism and the augmentation of gendered realities in South Korea**. Feminist

Media Studies, [s.l.], v. 18, n. 4, p. 705-717, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14680777.2018.1447354>. Acesso em: 16 jan. 2025

JOONGANG Daily. **1 in 3 women a victim of relationship abuse, Gender Ministry survey finds.** JoongAng Daily, Seoul, 24 abr. 2025. Disponível em: <https://koreajoongangdaily.joins.com/news/2025-04-24/national/socialAffairs/1-in-3-women-a-victim-of-relationship-abuse-Gender-Ministry-surveyfinds/2293311>. Acesso em: 20 ago. 2025.

JTBC NEWS,. 윤석열 "더 이상 구조적 성차별 없다"...이재명·심상정 강력비판 / JTBC 썰전라이브. YouTube, 8 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dxo75Q6hQ6c>. Acesso em: 16 jan. 2025.

JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento.** São Paulo: Saraiva, 2010.

KIM, Andrew Eungi; PARK, Gil-sung. **Nationalism, Confucianism, work ethic and industrialization in South Korea.** Journal of contemporary Asia, v. 33, n. 1, p. 37-49. United Kingdom: Routledge, 2003.

KIM, Dae-o. **I have reported on 30 Korean celebrity suicides. The blame game never changes.** The Guardian. 4 jan. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2020/jan/04/i-havereported-on-30-korean-celebrity-suicides-the-blame-game-never-changes>. Acesso em: 17 jun. 2025.

KIM, Hyein. **The Return of Global Sisterhood? Transnational Feminism in the Age of Digital Activism.** Flow Journal, 2025. Disponível em: <https://www.flowjournal.org/2025/02/return-of-globalsisterhood-kim/>. Acesso em: 15 dez. 2024.

KIM, Jieun. **Uma Análise Crítica da Política das TERFs na Coreia do Sul: As Construções Contraditórias do “Feminismo Ocidental” e Seus Efeitos Legitimadores.** Asian Journal of Women's Studies. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/12259276.2024.2379053>. Acesso em: 19 ago. 2025.

KIM, Jin-ah. 나는 내 파이를 구할 뿐 인류를 구하러 온 게 아니라고. Seul: Whowho, 2019.

KIM, Jin-Sook; BANG, Hyeyoung. **Education fever**. Pedagogy, culture & society, [S.I.] v.25, n.2, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14681366.2016.1252419>. Acesso em: 17 jun. 2025

KIM, Jinsook. **The Return of Global Sisterhood? The Transnational Journey of the 4B Movement on TikTok**. Flow: A Critical Forum on Media and Culture, [s. l.], 19 fev. 2025. Disponível em: <https://www.flowjournal.org/2025/02/return-of-global-sisterhood-kim/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

KIM, Anna; HAHN, Youjin. **“The Motherhood Effect on Labour Market Outcomes: Evidence from South Korea”**. Asian-Pacific Economic Literature, 2022.

KIM, Seung-kyung; PARK, Young-Ju. **The Incompatibility of Modernity and Gender Equality in South Korea**. Asian Journal of Women's Studies, v. 9, n. 4, p. 7-29, 2003.

KOH, Eunkang. **"Gender Issues and Confucian Scriptures: Is Confucianism Incompatible with Gender Equality in South Korea?"** Bulletin of the School of Oriental and African Studies, University of London, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40378774>. Acesso em: 02 ago 2024.

KOO, JiHae. **South Korean cyberfeminism and trolling: the limitation of online feminist community Womad as counterpublic**. Feminist Media Studies, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14680777.2019.1622585>. Acesso em: 21 jun. 2025.

KWHL. “딤페이크 성착취물”이 범죄인 줄 모르는 자 없다. Korea Women’s Hot-Line, 28 ago. 2024. Disponível em: <https://hotline.or.kr/statement/?q=YToxOntzOjEyOiJrZXI3b3JkX3R5cGUiO3M6MzoiYWxsIjt9&bmode=view&idx=87086594&t=board>. Acesso em: 18 jun. 2025.

KWHL. 성별 구분 빠진 ‘친밀한 관계’에 의한 살해 통계? 제대로 된 공식 통계 발표하라!. Korea Women’s Hot-Line, 20 ago. 2024. Disponível em: <https://hotline.or.kr/statement/?q=YToxOntzOjEyOiJrZXI3b3JkX3R5cGUiO3M6MzoiYWxsI%20jt9&bmode=view&idx=76170320&t=board>. Acesso em: 18 jun. 2025.

KWHL. 통계 2023 년 분노의 게이지 : 언론 보도를 통해 본 친밀한 관계의 남성 파트너 및 일면식 없는 남성에 의한 여성살해 분석. Korea Women’s Hot-Line, 6 jun. 2024.

Disponível em: <https://hotline.or.kr/archive/?idx=26184041&bmode=view>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LEE, Hyun-jae. **The ‘Woman’ of the ‘4B’ movement and the politics of ‘becoming a subject’**. Korea Journal of Culture and Social Studies, v. 26, n. 1, p. 5-42, 2020.

LEE, J.; JEONG, E. **The 4B Movement: envisioning a feminist future with/in a non reproductive future in Korea**. Journal of Gender Studies, v. 30, n. 5, 2021, p. 633-644. DOI: <https://doi.org/10.1080/09589236.2021.1929097>. Acesso em: 09 fev. 2025.

LEE, Ji-hye. **93% of suspects in deepfake porn cases caught in July were in teens, 20s**. The Hankyoreh, 2024. Disponível em: https://english.hani.co.kr/arti/english_edition/e_national/1157001.html. Acesso em: 10 jun. 2025.

LIVENOWFROMFOX. **WATCH: Trump speaks at Turning Point USA event summit** | LiveNOW from FOX. YouTube, 16 de julho, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fHXI-k8dD5g>. Acesso em: 15 dez. 2024.

LÓPEZ, Quispe. **“Como as pessoas trans se encaixam no movimento 4B?”** Them, 19 de novembro de 2024. <https://www.them.us/story/how-4b-actually-leaves-trans-people-behind>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MASIERO, Gilmar. **A economia coreana: características estruturais**. In: GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Org.). Coréia: visões brasileiras. Brasília: IPRI, 2000. Disponível em: <https://www.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF>. Acesso em: 3 mar. 2025.

MILTONS, Michelle Merética; MICHELON, Ednaldo. **Educação e crescimento econômico na Coreia do Sul**. Canais do Encontro Regional de Economia, 2008. Disponível em: https://www.economiaetecnologia.ufpr.br/XI_ANPEC-Sul/artigos_pdf/a2/ANPEC-Sul-A2-08-educacao_e_crescimento_e.pdf. Acesso em: 10 abr. 2025.

MONTE, Izadora Xavier. **O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais**. Revista Estudos Feministas, v. 28, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/r3pc8yVXBf6FqHPBBcH9Xxy/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2024

MORGADE, Alba. **Os “fantasmas” do racismo na Coreia do Sul, um dos países mais prósperos do mundo.** BBC News Mundo. 29 jul. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44936068>. Acesso em: 27 jan. 2025.

OECD. **Better Life Index.** Korea. 2015. Disponível em: <https://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/korea-pt/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

OECD. **Education at a glance 2019.** Country note indicators, 2020. Disponível em: https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/EAG2019_CN_KOR.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

OECD. **How's life?** 2020. Paris:OECD, 2020. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/how-s-life/volume-/issue-_9870c393-en.html. Acesso em: 25 jun. 2025.

OECD. **Tourism Trends and Policies 2020.** Korea. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/oecd-tourism-trends-and-policies-2020_6b47b985-en/fullreport.html. Acesso em: 30 mai. 2025.

OECD. **Work-Life Balance.** Better Life Index. 2015. Disponível em: <https://www.oecdbetterlifeindex.org/topics/work-life-balance/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SANTOS, Juliana.; SANTOS, Samara. **Duas Coreias do Sul: O Paralelo entre a Imagem Publicizada e a Realidade Vivida.** C@lea, n. 9, jul. 2020, p. 133-152. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/calea/article/view/2901/2021>. Acesso em: 01 mai. 2025.

SHARIF, Hossein. **O temido 'Enem' que sela o futuro dos jovens e paralisa a Coreia do Sul por um dia.** BBC News Brasil. 15 nov. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46221616>. Acesso em: 15 out. 2024.

SOLODARITY. Seul, 2019. **Canal no YouTube.** Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC4_f_p13pS-yB5a58gS9w5Q. Acesso em: 30 out. 2024

SONG, Jae-jin. **The Korean Labour Market After the 1997 Economic Crisis.** 2019.

SOUZA, Camilly Laisa Lourenço. **O Feminismo 4B na Coreia do Sul: Raízes Históricas e Desafios à Estrutura Patriarcal.** 2025. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/46129>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SK-II. **SK-II: The Expiry Date**. [S. l.]: SK-II, 21 jun. 2017. Publicado pelo canal SK-II. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v3JCA4lCMk8>. Acesso em: 02 jun. 2025.

MULLER, Marissa G. **Donald Trump Brags About Groping Women in Taped Conversations from 2005**. TEEN VOGUE, 2016. Disponível em: https://www.teenvogue.com/story/donald-trump-brags-groping-kissing-women-taped-conversations-2005?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 06 ago. 2025

TEIXEIRA, Alexsandra. **Fatores de sucesso da educação sul-coreana**. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de La Salle,Canoas-RS. Disponível em: <https://svrnet20.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/894/1/ateixeira.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

KIM, Kyeong-pil; LEE, Jung-soo. **South Korea's fertility incentives fail to boost birth rates despite massive spending**. The Chosun Ilbo (English Edition), 2024. Disponível em: <https://www.chosun.com/english/national-en/2024/04/23/TDP5MSXJRFBTDB5IEH5ART5ESE/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

THE GRAND NARRATIVE. **Korea's Migrant Brides: Baby-Making Machines or Mail-Order Brides?** The Grand Narrative, 6 fev. 2023. Disponível em: <https://thegrandnarrative.com/2023/02/06/koreamigrant-brides-baby-making-machines/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

THE GUARDIAN. **South Korea pulls website mapping 'prime' childbearing age women**. The Guardian, 31 dez. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/dec/31/southkorea-pulls-website-mapping-women-of-prime-age-to-have-children>. Acesso em: 26 jul. 2025.

DEMOPOULOS, Alaina. THE GUARDIAN. **'No man will touch me until I have my rights back': why is the 4B movement going viral after Trump's win?**. The Guardian, 7 nov. 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/nov/07/4b-movement-trump-women>. Acesso em: 26 jul. 2025

KWAK, Yeon-soo. **Intimate partners account for half of violence cases against women: study**. The Korea Times, Seoul, 9 mar. 2024. Disponível em:

<https://www.koreatimes.co.kr/southkorea/society/20240309/intimate-partners-account-for-half-of-violence-cases-against-women-study>. Acesso em: 20 ago. 2025.

THEJOONGANG. 이대남의 반페미, 해외에선 어떻게 보나. YouTube, 16 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RWZEj3eGO0o>. Acesso em: 02 jun. 2025.

GUNIA, Amy. **How South Korea's Yoon Suk-yeol Capitalized on Anti-Feminist Backlash to Win the Presidency.** TIME, 2022. Disponível em: <https://time.com/6156537/south-korea-presidentyoon-suk-yeol-sexism/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

KWOK, Yenni. **The Three Places With the Highest Rate of Female Homicides on Earth Are All in Northeast Asia.** TIME, 2017. Disponível em: https://time.com/4668658/violence-women-v-day-domestic-asiahomicide-sexism/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 ago. 2025.

UOL. **Em reação à "machosfera" de Trump, feminismo radical se fortalece nos EUA.** Notícias UOL, São Paulo, 20 nov. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2024/11/20/em-reacao-a-machosfera-de-trump-feminismo-radical-se-fortalece-nos-eua.htm>. Acesso em: 14 dez. 2024.

STROTHER, Jason. **South Korea's #MeToo Movement Challenges Workplace Sexual Harassment.** VOA NEWS, 2019. Disponível em: https://www.voanews.com/a/east-asia-pacific_south-koreas-metoo-movementchallenges-workplace-sexual-harassment/6179152.html. Acesso em: 16 jul. 2025.

WEBER, Cynthia. **Queer International Relations: Sovereignty, Sexuality and the Will to Knowledge.** New York: Oxford University Press, 2016.

WILLIAMSON, Lucy. **Idosas viram prostitutas para sobreviver na Coreia do Sul.** BBC News Brasil, 10 jun. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140610_vovo_sexo_coreia_mv. Acesso em: 10 jun. 2025.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2024.** Genebra: World Economic Forum, 2024. Disponível em:

<https://www.weforum.org/publications/global-gender-gap-report-2024/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

YOO, Theodore Jun. **The politics of gender in colonial Korea: education, labor, and health, 1910- 1945**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2008.

YUN, Ji-Yeong. **Escaping the Corset: Rage as a Force of Resistance and Creation in the Korean Feminist Movement**. *Hypatia*, v. 37, n. 2, p. 257–275, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/hyp.2022.15>. Acesso em: 05 fev. 2025.

연합. 안희정 발목 잡은 폐북 사과문... 法 "번복한 진술, 믿기 어려워". Desculpas do Facebook que machucaram o tornozelo de Ahn Hee-jung... Lei: "Declaração invertida, difícil de acreditar". 연합뉴스, 2019. Disponível em: <https://www.yna.co.kr/view/AKR20190201203100004>. Acesso em: 16 jan. 2025.

울산 매일 UTV. **2052년 울산 인구 82만명으로 '뚝'...저출생·고령화 '직격탄'**. 서울, 2016. Disponível em: <https://www.iusm.co.kr/news/articleView.html?idxno=1052304>. Acesso em: 26 jul. 2025.

이진주. “우량암소 통계 내냐, 출산지도 웬 말이냐”. 경향신문, 6 jan. 2017. Disponível em: <https://www.khan.co.kr/article/201701061814001>. Acesso em: 11 ago. 2025.